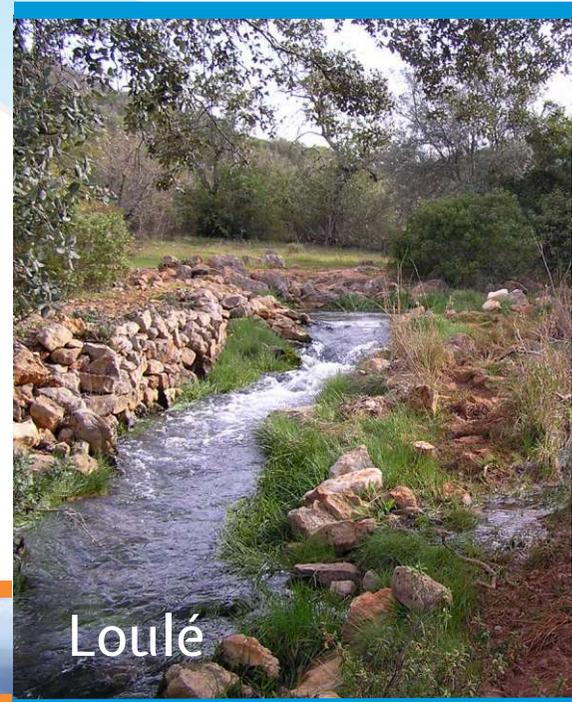




Rota da **Água**



Loulé

Rota das **Árvores Monumentais**

Rota da **Geologia**

Rota do **Contrabandista**



Prefácio

Com o intuito de aumentar a atratividade da Via Algarviana (GR13) foram criados novos produtos e infraestruturas de forma a enriquecer esta grande Rota! Um desses produtos foi a criação de um conjunto de 4 Rotas temáticas distribuídas por 3 Municípios parceiros:

- Rota do Contrabandista (Alcoutim)
- Rota da Água (Loulé)
- Rota das Árvores Monumentais (Monchique)
- Rota da Geologia (Monchique)

As temáticas e os municípios em questão não foram escolhidos ao acaso, pois estão em plena sintonia! Esta é uma forma de aumentar a diversidade da Via Algarviana, permitindo que pessoas com interesses muito específicos ou apenas simples curiosos se desloquem a estes municípios e percorram os percursos que propomos, alguns a pé, outros de BTT ou até mesmo de carro. Para cada Rota há um Guia Digital, que poderá ser descarregado gratuitamente, e com ele percorrer cada Rota Temática e ficar a saber muito mais!

Atreva-se a descobrir as ofertas complementares que temos para si!
Aproveite tudo o que o Algarve Interior tem ao seu dispor!

Sinalética



- Cor/Elemento simbólico
- Logótipo/Nome da Rota
- Logótipo da Via Algarviana





Legenda:



— Ponto de partida e chegada

● Principais localidades

→ Principais cruzamentos

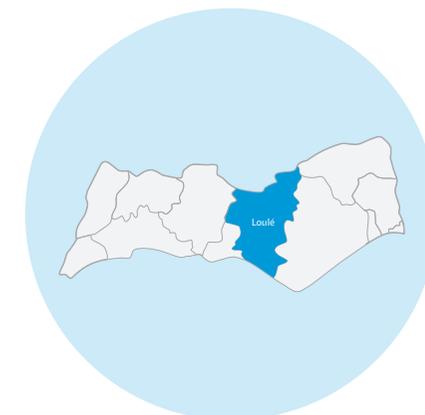
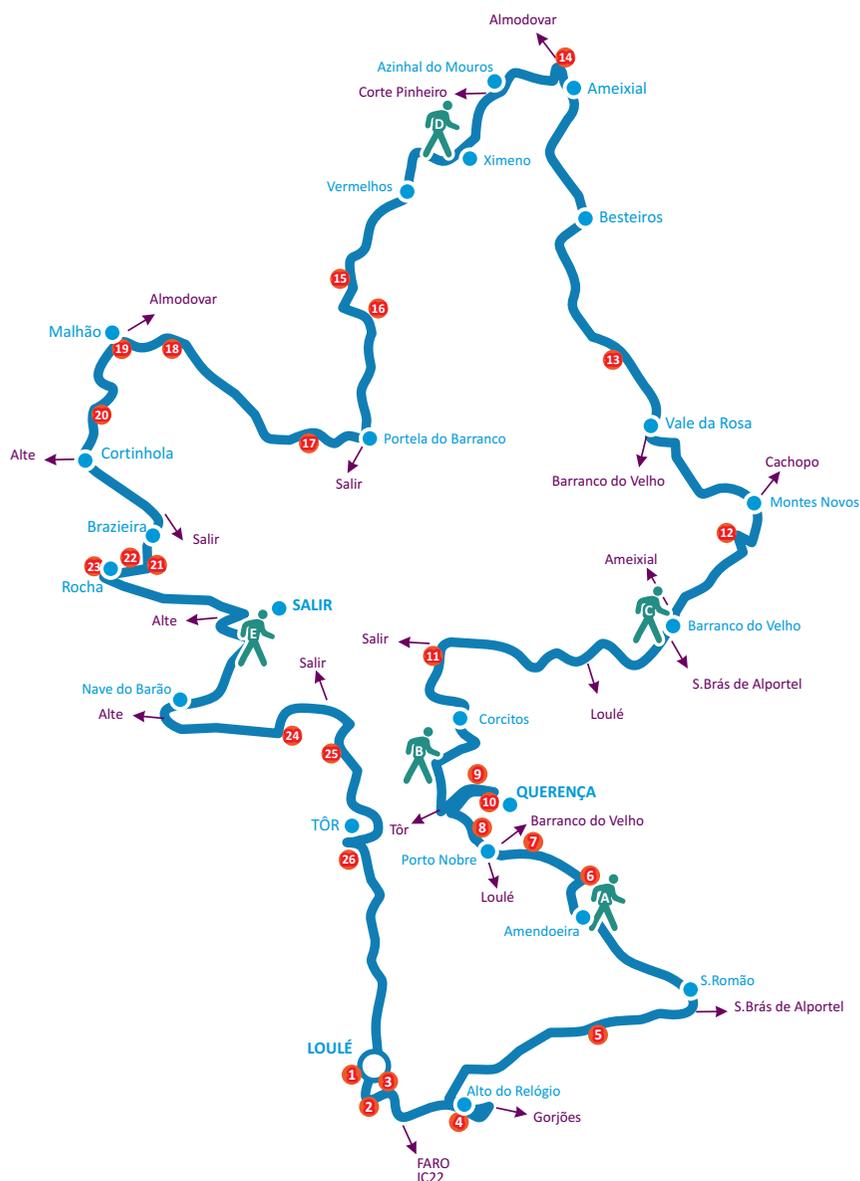


- Percursos pedestres

- A - Olho Pariz
- B - Benémola
- C - Barranco do Velho
- D - Chavachã
- E - Almarginho

● - Outros pontos de interesse

- 1 - Bicas Velhas
- 2 - Ponte do Álamo
- 3 - Fonte do Cadoiço
- 4 - Fonte da Goldra
- 5 - Fonte de Apra
- 6 - Fonte Filipe
- 7 - Moinho do Ti Casinha
- 8 - Esparrela
- 9 - Nora da Companhia
- 10 - Pólo Museológico da Água
- 11 - Fonte da Salgada
- 12 - Rib^a de Odeleite
- 13 - Miradouro do Caldeirão
- 14 - Fonte da Seiceira
- 15 - Águas da Rainha
- 16 - Barragem da Califórnia
- 17 - Fonte do Serro
- 18 - Fonte dos Cravais
- 19 - Barranco da Zambujeira
- 20 - Rio Arade
- 21 - Rocha da Pena
- 22 - Fonte Feita
- 23 - Fonte dos Amuados
- 24 - Lagoa da Nave
- 25 - Fonte do Cerro dos Passarinhos
- 26 - Ponte da Tôr



Mapa 2 - Pontos de interesse da Rota da Água



DESCRIÇÃO DA ROTA



Legenda:



Ponto de partida e chegada

1

Bicas Velhas

2

Ponte dos Álamos

3

Fonte do Cadoiço



Apé/De carro:

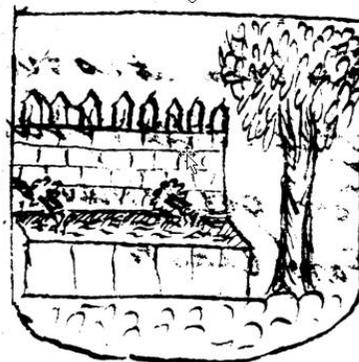
A Rota da Água inicia-se no interior da cidade de Loulé, ao fundo da Praça da República, no Largo Dr. Bernardo Lopes. Toma-se aqui a Rua D. Paio Peres Correia, de acesso condicionado e que passa diante da alcaidaria do Castelo, entrando-se logo a seguir no Largo D. Pedro I. Um pouco mais abaixo, passando ao lado da casa dos Banhos Públicos Islâmicos (séc. XIII), únicos em Portugal, atingem-se as Bicas Velhas.

Esta antiguidade é demonstrada pela lápide original inserida na platibanda da fonte atual onde, por baixo das armas de Portugal, se refere que a obra remonta à "era de mil quatrocentos e quatro", isto é, 1366 da era Cristã³.

Ponto 1 - Bicas Velhas

(S. Clemente; R. das Bicas Velhas; Coordenadas GPS: N 37º 08' 21.2"/W 8º 01' 27.1")

As Bicas Velhas eram uma das principais fontes de abastecimento público da cidade. Muito provavelmente serão elas que constam no primeiro brasão de armas conhecido de Loulé, publicado em meados do século XVII mas datado de 1402, onde se ilustra "um chafariz de oito ameias que por dois canos está lançando água"²



A primitiva fonte estava localizada uma dúzia de metros mais acima, junto aos Banhos Islâmicos e defronte do antigo Convento das Freiras (Convento do Espírito Santo). Era uma "fonte rasa, ornada de quatro arcos que a rodeavam, fechando cada um em ogival"⁴. Num desses arcos estavam as armas de

Portugal, a lápide acima referida e as armas da vila. Na verdade, a localização e a estrutura da fonte que hoje observamos são bem mais recentes, datando de 1837 o início da sua construção. Esta fonte, alimentada por uma mina de água situada sob o convento e que abastecia também os Banhos, tem fama de nunca secar, servindo outrora para regar as extensas hortas que se situavam nas proximidades (Hortas d' El Rei). Possui quatro bicas de metal, feitas a partir da fundição de um antigo sino da igreja matriz. Na fachada pode ainda ver-se uma pedra com uma estranha figura quimérica (porventura uma náiade), ao que se julga retirada das ruínas do Convento da Graça. A fonte do séc. XIX sofreu entretanto algumas alterações, pois o tanque tem hoje menos de metade do tamanho inicial, tendo também desaparecido "o tanque das lavadeiras que se situava ao fundo"⁵.



Fig.1 - Aspecto geral



Fig.2 - Bicas



Fig. 3 - Pedra na fachada

Indicações: Das Bicas Velhas segue-se à esquerda pela Rua Martim Moniz, descendo adiante, à direita, pela Rua Camilo Castelo Branco, atravessando depois a Rua de São Paulo e virando ao fundo à esquerda para a Rua do Matadouro. Percorre-se esta até alcançar a Rua Eng. Duarte Pacheco virando aí à esquerda. No cimo, frente a uma das portas do castelo (Porta de Faro), toma-se à direita a Rua S. João de Brito. Mesmo ao fundo da rua, lá bem em baixo, atinge-se um largo onde se pode admirar a Ponte dos Álamos.

Ponto 2 - Ponte dos Álamos

(S. Clemente; R. 8 de Maio; Coordenadas: N 37º 07' 58.1" / W 8º 01' 23.3")

Esta ponte situa-se numa antiga via romana que ligava Faro (Ossonoba) a Loulé e que seguia para norte na direção do Alentejo. Não é pois de estranhar que a tradição se refira a ela como tendo origem romana, embora não existam indícios de tal nas estruturas e na arquitetura da ponte atual que, apesar de tudo, demonstram uma grande antiguidade. Possuía três arcos, mas um deles desapareceu ao ser encaixado entre duas casas construídas em inícios do séc. XX, tendo sofrido diversas outras alterações e reconstruções ao longo dos tempos, a última das quais em 2011. Por baixo desta ponte corre a Rib^a do Cadoiço que depois de se juntar, na Franqueada, à Rib^a da S^a da Piedade, forma a Rib^a de Carcavai que vai desaguar no oceano a poente de Vale de Lobo. A Rib^a do Cadoiço nasce nos cerros a norte de Loulé, atravessa a cidade escondida, hoje, num túnel subterrâneo e, daí para jusante, pelo

menos até à zona da ETAR de Loulé, apresenta um percurso tumultuoso, fruto de um declive médio de cerca de 5%, cheio de pequenos rápidos, gargantas, cascatas, pegos (ou "cadoiços") e até duas grandes quedas de água, uma junto à atual estrada para Faro, a outra, maior, cerca de 600 m a jusante deste ponto. Junto à ponte, tem também origem uma levada que alimentava dois moinhos, um deles (Torriinha) integrado no casario da rua logo a poente, o outro (Papa Cabedais) mais adiante, anexo a uma casa solarenga hoje algo degradada.



Fig. 4 - Vista de montante



Fig. 5 - Vista de jusante

Indicações: Toma-se agora a Rua do Cadoiço que acompanha a margem direita da ribeira. Depois de uma passagem mais estreita, a rua transforma-se numa calçada muito íngreme, no início da qual se abrem à direita umas escadas de acesso à Fonte do Cadoiço.

Ponto 3 - Fonte do Cadoiço

(S. Clemente; R. do Cadoiço; Coordenadas: N 37º 08' 05.6" / W 8º 01' 19.0")

Outrora, este era um dos locais mais animados e apetecidos pelos louletanos para os seus momentos de lazer, sobretudo ao entardecer dos longos dias de verão. Logo à saída do túnel por onde hoje atravessa Loulé, e que termina sob a ponte da estrada de Faro, construída em 1855, a Rib^a do Cadoiço despenha-se por umas cascatas, seguidas de uma queda de água com cerca de 10 metros de altura cujas águas revoltas vêm dar até junto desta nascente.

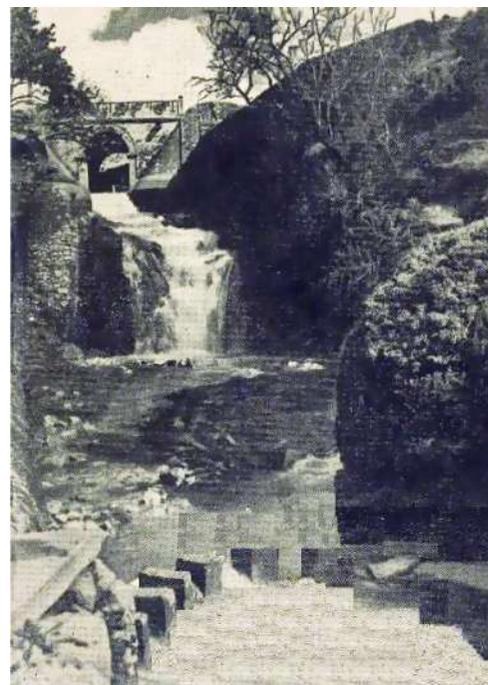


Fig. 6 - Imagem antiga da Rib.ª do Cadoiço.

Situada numa furna escavada na rocha, na margem esquerda da ribeira, é possível alcançá-la por umas passadeiras de pedra, ainda hoje existentes. A "belíssima e pura água"⁵ que daqui brotava, abastecia muitas famílias e servia de pretexto para um passeio que, em tempos idos, era possível fazer ao longo da ribeira. Aqui trabalhavam

também muitas lavadeiras cujas cantigas e estendais de roupa a secar ao sol se espalhavam depois pelas margens.



Fig. 7 - Aspecto geral



Fig. 8 - Furna da fonte

Indicações: Após subir o que resta da Rua do Cadoiço, vira-se à direita para sair de Loulé pela Avenida Parque das Cidades. Percorre-se esta até atingir a segunda rotunda onde se entra, à esquerda, na Circular de Loulé. Por aqui se avança até à rotunda do Hipermercado Continente, virando nela à direita para uma estrada que sobe até ao Alto do Relógio. Cerca de um quilómetro mais adiante, vira-se à direita para as Várzeas da Goldra, por uma estrada secundária asfaltada. Um pouco mais abaixo,



vira-se novamente à direita para uma estrada que, sempre em frente, vai descendo até junto da Rib^a de S. Lourenço. Antes da ponte de acesso a um pequeno aglomerado de casas, um caminho de terra batida, à direita, pronto nos conduz até à Fonte da Godra.

De carro:

Ponto 4 - Fonte da Goldra

(S. Clemente; Coordenadas: N 37° 07' 38.9"/ W 7° 59' 53.9")

Esta fonte situa-se num meandro muito apertado da Rib^a da Goldra que, um pouco mais adiante, ganha o nome de Rib^a de S. Lourenço e vai desaguar ao Ludo, na Ria Formosa.

Era uma típica fonte “de mergulho”. A água, proveniente da infiltração das chuvas na encosta escarpada, acumula-se num velho reservatório de pedra provido de uma abertura frontal onde as pessoas outrora se assomavam para mergulhar diretamente um balde no reservatório. Em 1976, e devido ao perigo de contaminação da água e de transmissão de doenças, a abertura passou a ser fechada com uma porta de ferro, sendo então a água encaminhada para um fontanário situado a cota inferior, junto do qual se pode ver uma velha pia. No belo espaço fronteiro à fonte, onde se juntavam as pessoas à espera de vez, estão também integradas duas pias de pedra que eram abastecidas manualmente e onde bebiam os animais. Mais adiante, num tanque de maiores dimensões, igualmente construído em 1976, tem origem um estreito aqueduto sobrelevado, capaz de conduzir a água da fonte por cima da ribeira para alimentar as hortas e pomares da quinta situada na margem esquerda do meandro.



Fig. 9 - Aspecto geral



Fig. 10 - Fontanário



Fig. 11 - Pia

Indicações: Percorre-se agora o caminho inverso (ao cimo, o cruzamento das Várzeas da Goldra torna-se, neste caso, particularmente perigoso!) até alcançar de novo a rotunda na Circular de Loulé, virando aí à direita até se chegar à rotunda da estrada de S. Brás. Segue-se à direita por esta estrada, percorrendo-a cerca de 3,5 km até ao sítio da Fonte de Apra. Aqui, à direita, mesmo ao lado do Café Caldeirinha, situa-se a Fonte da Apra.

Ponto 5 - Fonte de Apra

(S. Clemente; R. 8 de Maio; Coordenadas: N 37° 07' 58.1"/ W 8° 01' 23.3")

Fonte muito antiga, “cuja origem romana está fora de dúvidas”⁷, situada numa zona com outros importantes vestígios romanos. O próprio nome do local (feminino de “aper”, termo de origem celta que significa javali) seria o cognome adotado pelo primitivo proprietário romano destas terras e da “villa Apra” aqui existente, que remonta já provavelmente à época da conquista da Península Ibérica no séc. II antes de Cristo. No séc. XIX esta fonte “quase rasa com o chão” possuía ainda “quatro arcos que fecham em cima, formando um teto e com a sua competente cúpula”⁴. Hoje, resta o grande tanque retangular construído abaixo do nível do terreno, com a sua grossa bica onde antes vertiam diretamente as águas da nascente. Também as lavadeiras há muito deixaram de utilizar o tanque pois no local foi, em finais dos anos 80, construído um pequeno lavadouro público. O logradouro da fonte serviu, desde sempre, como lugar mágico de convívio,

protegido por frondosas árvores, hoje representadas por um belo conjunto de choupos, e onde os habitantes passavam boa parte dos seus tempos livres.



Fig. 12 - Tanque



Fig. 13 - Fontanário

Indicações: Prosegue-se o caminho pela EN 270 passando à Ponte do Morgado, sobre a Rib^a da Goldra, e virando à esquerda, um pouco mais à frente, para a EM 523 na direção de S. Romão. Continua-se sempre a subir por esta estrada até ao cerro do Malhão, descendo-se depois na direção da Amendoeira. Nesta povoação, sugerimos que percorra a pé um pequeno percurso que lhe dá a oportunidade de visitar mais 4 pontos de interesse.



Percurso Pedestre: Olho Pariz

Alternativa linear: 1,6 km
 Total de desnível em subida: 15 m
 Alternativa circular: 2 km

Total de desnível em subida: 25 m
 Início do percurso: Largo da paragem do autocarro.



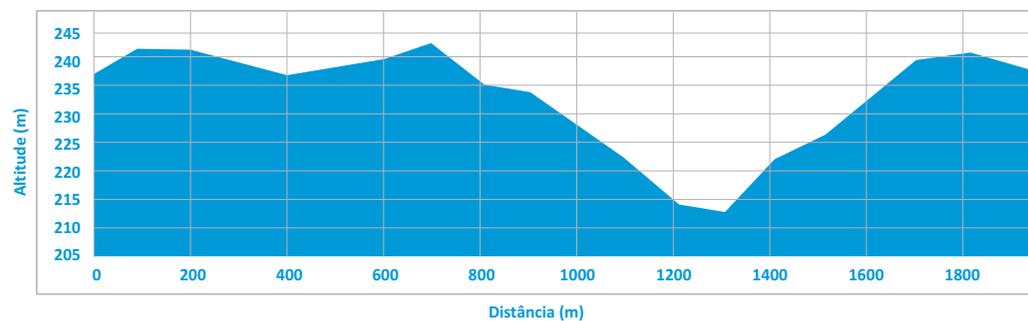
Legenda:

Ponto de partida e chegada

1 Poço do Ribeiro 2 Poço da Amendoeira 3 Olho Pariz 4 Poço do Olho Pariz

MAPA 1/25.000

Perfil Topográfico PP_Olho de Pariz



Apé:

Pontos de interesse:

1 - Poço do Ribeiro

(Querença; Coordenadas GPS: N 37° 10' 23.6'' / W 7° 57' 44.6'')

Velho poço comunitário situado à entrada da povoação. Em 1972 foi emparedado e coberto por um telhado, acedendo-se à água através de uma grade de ferro.



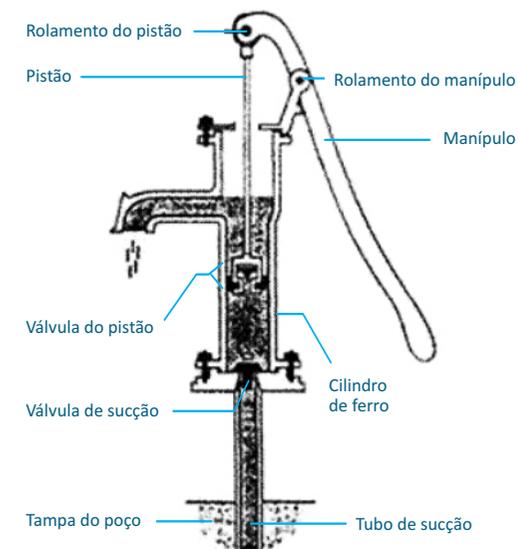
Fig. 14 - Aspecto geral

Indicações: Entra-se depois na povoação até atingir uma bifurcação onde se situa a Casa da Escola. Um pouco adiante, à esquerda, no meio de um campo, avista-se o Poço da Amendoeira.

2 - Poço da Amendoeira

(Querença; Coordenadas GPS: N 37° 10' 25.4'' / W 7° 57' 41.7'')

Trata-se de um poço particular, hoje tapado e onde foi instalada uma bomba hidráulica manual. Ao contrário de muitas outras que ocorrem no Algarve, esta bomba não é acionada por uma roda mas sim por um manípulo ou alavanca com movimento vertical.



Esquema 1 - Bomba hidráulica com manípulo vertical.



Fig. 15 - Aspecto geral



Fig. 16 - Pormenor do mecanismo

Indicações: Regressando à bifurcação, segue-se, à direita da Casa da Escola, por uma rua que continua depois por uma estrada de terra batida. Após passar junto à Quinta Amendoeira, a estrada sai da povoação, prosseguindo-se sempre em frente até descer para o Olho Pariz.

3 - Olho Pariz

(Querença; Coordenadas: N 37º 10' 19.3" / W 7º 57' 15.5")

Exurgência ou nascente artesiana geralmente seca e que só rebenta quando o nível e a pressão do aquífero subterrâneo que a alimenta ultrapassam um determinado valor, normalmente após um período de chuvas intensas e prolongadas. Trata-se de um local muito interessante do ponto de vista geológico, associado à existência de um espesso e enorme (cerca de 10 hectares) depósito de tufos calcários que provocou o entupimento do antigo barranco e um afundamento progressivo do nível freático de base. As rochas aqui existentes estão classificadas como “tufos biohémicos lamelares” 6, rochas calcárias biologicamente construídas a partir da ação de águas carregadas de dióxido de carbono que após atravessarem o maciço calcário envolvente se desgaseificam, ao aflorarem de novo à superfície, devido à turbulência ou à absorção do dióxido de carbono por plantas (neste caso, sobretudo musgos). A água fica então sobressaturada em carbonato de cálcio que aqui se foi depositando em camadas, englobando e conservando vestígios das estruturas vegetais preexistentes. A quantidade de água que brota desta nascente não corresponde atualmente à reduzida dimensão do barranco vizinho, onde corre o pequeno Rib^o das

Chaiças que desce das alturas do Cerro de Apra, mais a sul. Em invernos normais, a água espalha-se por toda a vasta superfície do depósito de tufos, percorrendo-a por uma dúzia de pequenas ravinas que depois se transformam em autênticas cascatas ao se precipitarem sobre a Rib^a das Mercês que corre uns vinte metros mais abaixo. Nessas alturas, a zona do Olho Pariz constitui também um importante local de reprodução de anfíbios.



Fig. 17 - Nascente com água



Fig. 18 - Cascatas



Fig. 19 - Uma das ravinas



Tufo calcário

Indicações: Em épocas de enchente, é recomendável voltar à Amendoeira pelo mesmo caminho. Caso contrário, uma alternativa consiste em atravessar o ribeiro a vau, a montante do olho de água, caminhar um pouco para leste e depois descer à esquerda para percorrer os trilhos da várzea rumo a noroeste, atravessando as pequenas ravinas e passando perto das cascatas, para entrar numa vereda que logo se transforma num caminho rural. Após ladear um antigo forno de cal, desce-se para um barranco onde se pode observar o Poço do Olho Pariz.

4 - Poço do Olho Pariz

(Querença; Coordenadas: N 37º 10' 28.9" / W 7º 57' 23.6")

Poço antigo de pedra, de coroamento hoje reforçado com cimento.



Fig. 21 - Aspecto geral

O caminho sobe agora em curva até alcançar o percurso de ida frente à Quinta Amendoeira, regressando-se daí ao ponto de partida.

De carro:

Desde a Amendoeira, percorrem-se cerca de 350 metros pela EM 523 até ao cruzamento com a estrada que, à direita, segue para a Fonte Filipe. Desce-se por esta ignorando uma primeira estrada à direita, para virar lá em baixo, de novo à direita, na direção da Fonte Filipe.

Ponto 6 - Fonte Filipe

(Querença; Coordenadas: N 37º 10' 50.7" / W 7º 57' 47.4")

Esta é uma outra antiga exurgência ou nascente subterrânea que escoa as águas provenientes do maciço calcário envolvente. Antes da instalação nos anos 60 do atual poço com roda, existia, mesmo ao lado mas a um nível inferior, uma fonte de mergulho à qual se acedia por umas escadas, hoje tapadas, e da qual subsiste uma placa com a data de 1945, testemunho provável de uma recuperação anterior.



Junto à encosta vizinha foi construído, nos anos 80, um fontanário alimentado por uma cisterna com abóbada em pedra para onde a água era bombeada, encontrando-se hoje inoperacional. O mecanismo dos poços de roda reside na conversão do movimento circular da roda (ou volante) em movimento vertical por meio de um excêntrico, localizado no eixo horizontal, que comanda uma biela ligada mais abaixo ao êmbolo ou pistão. Este último, dotado de válvulas, desliza pelo interior de um tubo mergulhado no poço. Quando o pistão desce, comprime o ar contra a válvula inferior e, quando sobe, esta última abre-se fazendo subir a água por sucção até chegar ao nível da conduta exterior. O mecanismo básico deste tipo de bombas de pistão terá sido inicialmente concebido por Ctesíbio, um engenheiro grego de Alexandria (séc. III a.C.), mas a adição de uma roda será já de origem árabe.

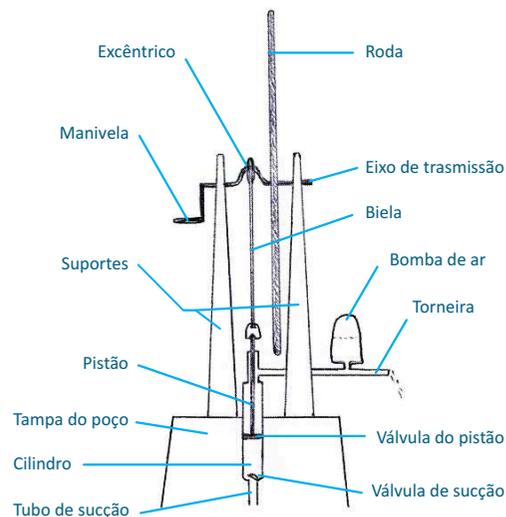
À beira da Fonte Filipe corre a Rib^a das Mercês, um dos dois principais ramos da Rib^a de Algibre, que se origina nos barrancos meridionais da Serra do Caldeirão já no concelho de S. Brás de Alportel. São as águas da Fonte Filipe que alimentam uma levada que rega as hortas para jusante, sistema outrora regido por diretos e regras por vezes propiciadores de conflitos, e que fazia também mover a antiga Azenha da Fonte Filipe (ou do Gentil).



Fig. 22 - Aspecto geral



Fig. 23 - Fontanário



Esquema 2 - Bomba de poço com roda



Fig. 24 - Poço com roda

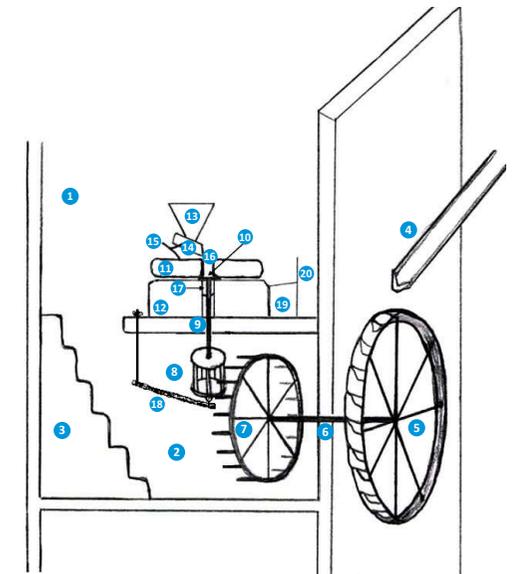
Indicações: Retrocede-se cerca de 200 metros pela mesma estrada até encontrar à direita um caminho rural cimentado que passa junto da Azenha da Fonte Filipe. Por vezes muito estreito e perigoso devido à queda frequente de pedras, este caminho conduz-nos, uns dois quilómetros mais adiante, até ao Moinho do Ti Casinha.

Ponto 7 - Moinho do Ti Casinha

(Querença; Coordenadas: N 37° 11' 18.3"/W 7° 58' 58.5")

Também conhecido por Moinho do Azevedo, designação do local onde se encontra, é hoje mais conhecido pelo nome de um seu antigo moleiro. Segundo a tradição, este moinho terá origem árabe (séc. VIII), tendo aí sido descoberta e acidentalmente destruída uma pedra com a estrela de David (um símbolo comum em construções islâmicas) aquando da sua recuperação em finais do séc. XX. Trata-se de um dos principais monumentos de arqueologia hidráulica de todo o Algarve, com uma invulgar combinação dos dois tipos de engenhos presentes em moinhos de água. Possuía três moendas (conjunto de duas mós), duas das quais acionadas por outras tantas rodas de azenha situadas nas paredes laterais, a restante movida a partir de um rodízio horizontal. Toda a água necessária para o funcionamento deste moinho provém do Açude do Porto Pinheiro, situado na Rib^a das Mercês uns 500 metros a montante, e que aqui chega através de uma levada comunitária que também alimenta as hortas locais. À entrada do moinho, um primitivo sistema de válvulas (cobradouro), fechadas com paus, permite orientar a água

para um tanque de onde jorrava sobre as pás (penas) do rodízio, ou ser encaminhada por um bonito aqueduto sobrelevado até se despenhar sobre as duas rodas de azenha. Recuperado em 1993 pelo seu proprietário (Francisco Dias), este moinho de três pisos (compartimento inferior do rodízio, compartimento intermédio da engrenagem das azenhas e piso superior das moendas) encontra-se operacional, embora só com uma das rodas da azenha, para fins de demonstração do ancestral ciclo do pão. Ao lado do moinho e junto de uma bela eira, pode ainda ver-se um poço provido de cegonha (ou picota), um engenho muito primitivo de tirar água.



- | | |
|---------------------------------|-------------------------|
| 1 - Compartimento das mós | 11 - Mó corredora |
| 2 - Compartimento da engrenagem | 12 - Mó fixa |
| 3 - Escadas de acesso | 13 - Tolda |
| 4 - Caleira | 14 - Telha |
| 5 - Roda da azenha | 15 - Trambolho |
| 6 - Eixo horizontal | 16 - Buraco da mó |
| 7 - Roda de coroa (entrosga) | 17 - Bucha |
| 8 - Carreto (pinhão de ataque) | 18 - Urreio |
| 9 - Veio | 19 - Tremelhado (caixa) |
| 10 - Segurelha | 20 - Panal |

Esquema 3 - Estrutura simplificada de uma azenha.



Fig. 25 - Levada, cobradouro, tanque e aqueduto



Fig. 26 - Paredes da azenha



Fig. 27 - Poço com cegonha

Indicações: Toma-se de novo o caminho rural que atravessa o vale para poente até chegar às imediações de um outro moinho de água (Moinho do Lourencinho), também recuperado, subindo logo depois para a EM 396. Aqui vira-se à esquerda até à povoação de Porto Nobre onde, em plena curva, se toma à direita um outro caminho rural cimentado que, após passar perto de um forno de cal pronto a funcionar e ainda coberto com a sua bela abóbada (caso único no Algarve), inicia uma descida acentuada até à Esparrela.

Ponto 8 – Esparrela

(Querença; Coordenadas: N 37º 11' 33.5'' / W 7º 59' 39.4'')

Local privilegiado, situado no velho caminho de acesso a Querença (possivelmente um caminho romano 8) e à beira da Rib^a das Mercês. Esta pode aqui ser atravessada por uma ponte, construída em 1934, a qual terá sido origem de muitos problemas e acidentes (daí derivando, alegadamente, o nome deste sítio), até ser recuperada em 1992. Na margem esquerda da ribeira, encontra-se a Fonte da Esparrela, uma velha fonte de mergulho, restaurada em 1990 e equipada com uma bomba manual acionada por manivela. Na margem direita da ribeira, podem ainda observar-se as ruínas do Moinho do Cró (nome do seu último moleiro que o fazia funcionar apesar de ser invisual), uma pequena azenha de uma só moenda, abandonada desde os anos 80. A água que acionava a roda da azenha vinha através de uma levada desde o açude da Ponte Nova, situado na Rib^a das Mercês uns 400 metros a montante, junto da EM 396. Para além da levada, hoje apenas restam as paredes e as mós.



Fig. 28 - Fonte



Fig. 29 - Ponte e Rib^a das Mercês



Fig. 30 - Mós da azenha



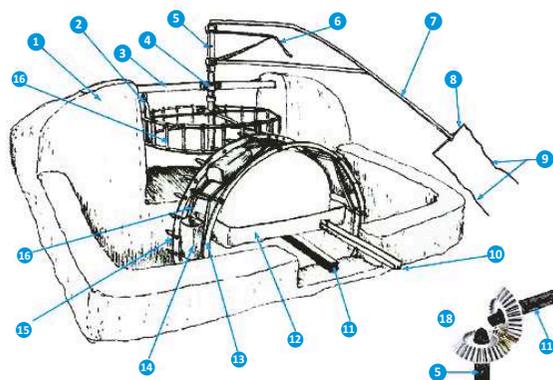
Fig. 31 - Aqueduto

Indicações: Logo a seguir às ruínas do moinho, ignora-se a subida em frente e vira-se à esquerda para um caminho rural asfaltado que, após várias curvas, sobe até à EM 524, seguindo-se esta para nascente na direção de Querença. Mais adiante, no sítio do Pombal, mesmo junto ao cruzamento para os Corcitos, pode observar-se a Nora da Companhia.

Ponto 9 - Nora da Companhia

(Querença; Coordenadas: N 37º 12' 09.2'' / W 7º 59' 36.1'')

Fruto da iniciativa conjunta de umas dezenas de pequenos agricultores locais (daí o seu nome), esta nora, de origem bastante antiga (possivelmente anterior ao séc. XIX), foi recuperada e devidamente enquadrada junto à estrada em finais do séc. XX. Um bom local para admirar este engenhoso mecanismo que permitia retirar água do poço recorrendo ao esforço de um animal (burro, mula, macho). O termo nora provém da palavra árabe “nâ ûra” que significa “roda hidráulica”. Presume-se que a sua origem mais remota tenha sido no Médio Oriente, sendo divulgada pelos árabes na Península Ibérica a partir do séc. IX. Uma vez engatado pelo cangalho aos tirantes do “balancim” da “almanjarra” e pela arreata à “guia” da nora, o pobre animal, de olhos tapados por uns panos (“antolhos”) era obrigado a mover-se através de uma plataforma circular, num movimento contrário aos ponteiros do relógio. A deslocação da almanjarra faz rodar um eixo vertical (“pião”) solidário com uma roda horizontal dupla (“carreto”) provida de travas. Aqui se encaixa uma roda dentada vertical (“entrosga”) geralmente acoplada com a “roda de água”, sobre a qual está montada a “corda dos alcatruzes” que mergulha no poço, permitindo trazer a água para cima e vertê-la num caneiro que, em geral, alimenta um tanque.



- | | |
|-------------------|---------------------------|
| 1 - Moirão | 10 - Algeroz |
| 2 - Travão | 11 - Eixo horizontal |
| 3 - Trave (ponte) | 12 - Tabuleiro |
| 4 - Enora | 13 - Roda da água |
| 5 - Plão | 14 - Alcatruz |
| 6 - Guia | 15 - Entrosga |
| 7 - Almanjarra | 16 - Corda dos alcatruzes |
| 8 - Balancim | 17 - Carreto |
| 9 - Tirantes | 18 - Engrenagem cónica |

Esquema 4 - Estrutura básica de uma nora ¹²

Os alcatruzes eram inicialmente feitos de barro e de forma tubular, depois já com o aspeto de canecos de latão, providos de um pequeno orifício no fundo para permitir a saída do ar quando mergulham e evitar excesso de peso sobre a roda uma vez inoperacionais. Também as diferentes peças das noras mais primitivas eram de madeira e a corda dos alcatruzes era realmente feita de cordas, mas nos modelos mais recentes toda a engrenagem é já de ferro. Nalguns casos, a entrosga e o carreto tradicionais foram substituídos por uma “engrenagem cónica” com rodas de cremalheira.



Fig. 32 - Aspecto geral

Indicações: Prosseguindo mais um pouco para nascente através da EM 524, pode fazer-se um pequeno desvio e subir a rampa íngreme que leva ao centro da aldeia de Querença onde, ao fundo do Largo da Igreja, se localiza o Pólo Museológico da Água.

Ponto 10 - Pólo Museológico da Água

(Querença; Coordenadas: N 37º 11' 56.0'' / W 7º 59' 15.8'')

Fazendo parte integrante do Museu Municipal de Loulé, este pequeno espaço ocupa uma antiga casa senhorial, provavelmente do séc. XVII, onde funcionou durante muitos anos a Junta de Freguesia. O Pólo tem como função principal ser um centro de interpretação da água, permitindo que os visitantes partam daqui para outros percursos existentes em Querença relacionados com a água, sendo disponibilizados audioguias que ajudam a descobrir esta riqueza hídrica. Para além de uma mostra de alguns equipamentos ligados à água, o Pólo conta com uma exposição documental com painéis que falam da cultura da água em Querença, a Paisagem Protegida da Fonte da Benémola e as espécies de fauna e flora aí existentes.



Fig. 33 - Entrada do Pólo Museológico da Água.



Fig. 34 - Aspeto do interior.

Indicações: Percorre-se agora o caminho inverso até alcançar de novo o cruzamento que vem da Esparrela. Sempre pela EM 524 e percorridos cerca de 300 metros alcança-se, à direita, uma das entradas da Paisagem Protegida Local da Fonte Benémola, junto à casa do Fica Bem. Uma estrada estreita de terra batida conduz-nos até a um parque de estacionamento do lado direito, onde deverá estacionar o veículo. Após o cruzamento já bastante perto das casas das Várzeas da Ribeira, poderá efetuar um pequeno percurso que lhe dá a oportunidade de visitar mais 3 pontos de interesse.



Percurso Pedestre: Benémola

Tipologia: Semicircular

Extensão: 1,3km

Total de desnível em subida: 5 m

Sinalização: PR 16 LLE “Percurso Pedestre Fonte Benémola”

Pequena Rota **PR**



MAPA 1/25.000

Legenda:



Ponto de partida e chegada



1 Moinho Velho

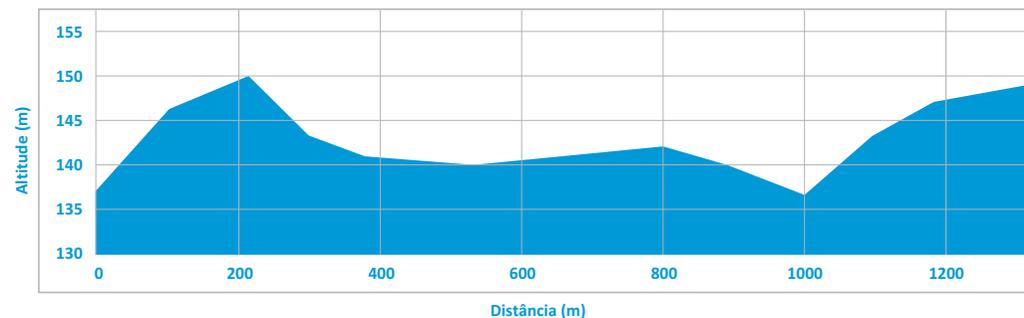


2 Nascentes da Várzea



3 Fonte Benémola

Perfil Topográfico PP_Fonte Benémola



Apé:

Este percurso começa junto do cruzamento, onde se encontra instalado um painel, prosseguindo daí pela estrada até passar abaixo das casas das Várzeas da Ribeira, onde se desce para um caminho rural à esquerda. As hortas e pomares deste local são dos mais produtivos de todo o Vale da Benémola, aproveitando a abundância e as diversificadas formas de aproveitamento da água. No cimo, um velho tanque abandonado testemunha a vida que outrora reinava neste local, com as suas pedras para lavar roupa e uma pequena levada que conduzia a água para regar os campos em volta. Ao fundo do caminho, encontramos as ruínas do Moinho Velho.

1 - Moinho Velho

(Querença; Coordenadas: N 37° 12' 22.0" / W 8° 00' 21.6')

Pequeno moinho de rodízio, com duas moendas, de origem muito antiga. Era alimentado pela levada que parte do açude da Fonte Benémola e cuja água podia aqui ser desviada para as hortas ou para o tanque do moinho, hoje parcialmente destruído. Em frente ao moinho e à sombra de frondosas nogueiras, pode ainda ver-se uma grande nora com o engenho situado numa plataforma elevada.



Fig. 35 - Aspecto do moinho



Fig. 36 - Tanque e entrada dos cubos

Indicações: Nas traseiras do moinho, caminha-se junto à levada para norte, por uma vereda no meio dos campos, até atingir de novo a estrada de terra batida. Logo a seguir encontram-se as Nascentes da Várzea.



2 - Nascentes da Várzea

(Querença; Coordenadas: N 37° 12' 27.1"/W 8° 00' 28.3")

Segundo a tradição, as águas que alimentam as duas nascentes aqui situadas (conhecidas localmente como Olho) não têm a mesma origem, sendo também diferentes as suas características. Juntamente com a Fonte Benémola, estas nascentes são as responsáveis pela abundância de água que caracteriza o Vale da Benémola, um dos poucos locais do Barrocal Algarvio que oferece água todo o ano. Daí a diversidade de vida que aqui nos rodeia e que, entre outras coisas, levou à criação em 1991 do Sítio Classificado da Fonte Benémola (desde 2010, Área de Paisagem Protegida Local), de grande valor conservacionista sobretudo devido às paisagens do vale, património hidráulico (açudes, levadas, moinhos, noras), densa galeria ripícola, fauna aquática (lontra, cágados, anfíbios) e presença de várias espécies de morcegos (nas grutas da Salustreira).



Fig. 37 - Nascente

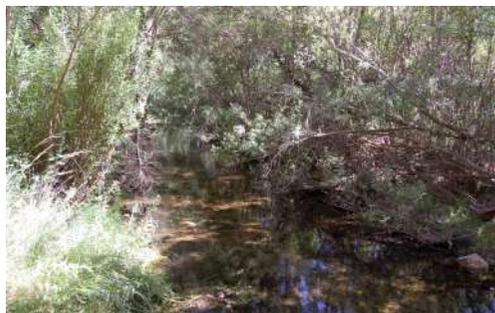


Fig. 38 - Aspecto da ribeira

Indicações: O percurso segue depois para norte, pela estrada de terra batida (seguir marcas PR 16 LLE) que acompanha a levada e a margem da ribeira, até alcançar a Fonte Benémola.

3 - Fonte Benémola

(Querença; Coordenadas: N 37° 12' 33.4"/W 8° 00' 33.7")

Localizada junto ao açude com o mesmo nome na Rib^a dos Moinhos, esta é uma das nascentes mais conhecidas em todo o Barrocal Algarvio. Segundo a tradição, esta nascente foi usada já no tempo dos árabes que aqui teriam construído um sistema de captação de água para a transportar “ao cume de um serro em cujo sopé ela nasce”⁴. Também citada no séc. XVIII nos inquéritos paroquiais do Marquês de Pombal, é descrita em meados do séc. XIX como “deitando tão grande porção de água, e com tal ímpeto e violência, que corta a ribeira, que já ali é bastante larga e de muita água, e vai buscar a margem fronteira”¹. As suas águas encontram-se classificadas como minero-medicinais, tendo natureza hipossalina com predominância de iões de cálcio e bicarbonato. Foi alvo de um contrato de concessão em 1932 à Sociedade Fonte Santa e Benémola que tinha direito à exploração desta nascente e à da Fonte Santa em Quarteira. Esta concessão nunca foi efetivada, para além da alegada construção da casa do Fica Bem para uso como albergue dos aquistas, sobretudo pessoas que sofriam de doenças reumáticas e do sistema digestivo. A fonte primitiva era uma tradicional fonte de mergulho, encostada à encosta, onde se aproveitava diretamente a água do aquífero cuja saída natural (exurgência) se situa um pouco mais à frente em pleno leito da ribeira, outrora rodeada por um tanque tosco. O terreiro que a circundava era, no verão, “ocupado pelos doentes, quase todos reumáticos, que se instalam em barracas a fim de tomarem os seus banhos num conjunto pitoresco de mouro arraial”⁹. Logo a montante do açude, a Rib^a dos Moinhos fica quase completamente seca durante o verão, fazendo um contraste marcante com a abundância de água a partir daqui. Esta ribeira junta-se, a sul do Vale da Benémola, com a Rib^a das Mercês para constituírem a Rib^a da Tôr, mais adiante designada por Rib^a de Algibre. Pode dizer-se que possui uma origem dupla pois desce, por um lado, dos barrancos meridionais da Serra do Caldeirão (Rio Seco, Rib^a da Salgada) e, por outro lado, drena as águas da encosta sul da Rocha da Pena.



Fig. 39 - Nascente



Fig. 40 - Levada e açude



Fig. 41 - Aspecto da ribeira para montante

Indicações: O regresso faz-se acompanhando sempre a estrada de terra batida até voltar ao cruzamento junto das casas da Várzea da Ribeira.

De carro:

Indicações: Do cruzamento das Várzeas da Ribeira toma-se uma nova estrada de terra batida (seguir novamente marcas PR 16 LLE) na direção nascente que serpenteia pela margem direita da Rib^a da Chapa até subir à povoação da Cerca Nova, numa curva apertada da EM 510. Vira-se à esquerda, seguindo para norte na direção dos Corcitos. Percorridos cerca de 3 quilómetros, sempre pela EM 510, desce-se até à Fonte Salgada.

Ponto 11 - Fonte da Salgada

(Querença; Coordenadas: N 37° 13' 51.4"/W 8° 00' 13.9")

Pequeno chafariz isolado junto à estrada, construído nos anos 60 e para onde foi encaminhada a água da nascente primitiva. Esta situa-se um pouco mais acima, encostada à vertente, e alimentava um grande tanque, hoje ambos tapados. Perto, corre a Rib^a da Salgada, um afluente do Rio Seco, a qual é atravessada por uma ponte construída no final da década de 70.



Fig. 42 - Fonte e tanque antigos



Fig. 43 - Fontanário

Indicações: Prossegue-se ainda um pouco mais pela EM 510 até se atingir a EN 124. Vira-se aqui à direita para começar a subir pouco a pouco as encostas da Serra do Caldeirão na direção do Barranco do Velho, já em plena EN 2, onde se pode realizar um novo percurso pedestre.



Percurso Pedestre: Barranco do Velho

Tipologia: Semicircular

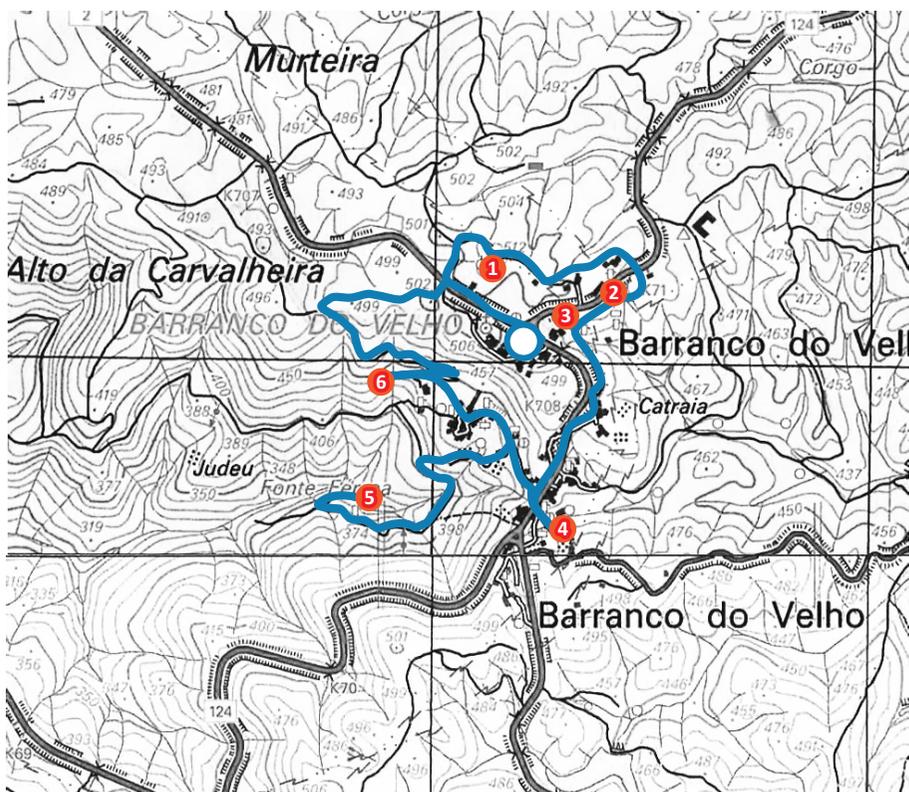
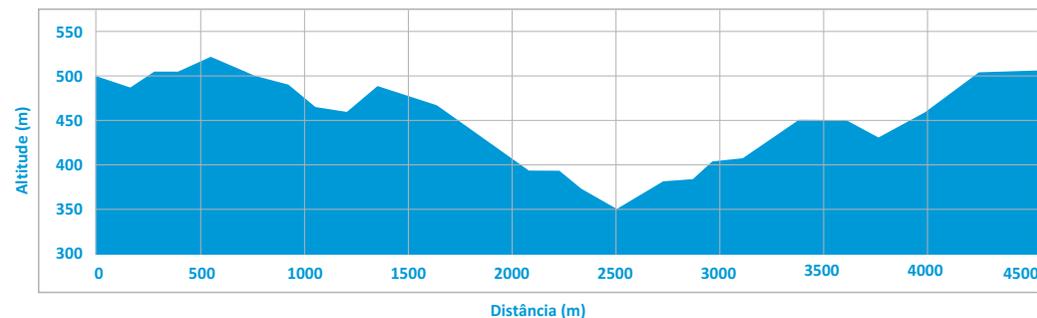
Extensão: 5km

Total de desnível em subida: 185 m

Sinalização: PR 17 LLE “percurso Pedestre Barranco do Velho” e GR (13) Via Algarviana



Perfil Topográfico PP_Barranco do Velho



Legenda: Ponto de partida e chegada

MAPA 1/25.000

- 1 Depósitos de água
- 3 Fonte do Serro Alto
- 5 Fonte Férrea
- 2 Fonte do Chafariz
- 4 Fonte da Catraia
- 6 Fonte do Monte



Apé:

Este percurso aproveita três pequenos troços da Grande Rota Pedestre - GR 13 (Via Algarviana) - e uma parte da PR 17 LLE do Barranco do Velho, para além de percorrer o trecho inicial da Estação da Biodiversidade do Barranco do Velho. Inicia-se frente à Pousada no cruzamento para Cachopo (sítio localmente conhecido por Entroncamento). Segue-se um pouco para norte, ao longo da EN 2 que aqui coincide com o GR 13. Alguns metros depois do desvio deste último para a esquerda, vira-se à direita (seguir marcas PR 17 LLE) para uma estrada cimentada, subindo sempre até chegar aos depósitos de água.

1 - Depósitos de água

(Salir; Coordenadas: N 37° 14' 31.1" / W 7° 56' 19.6")

Neste cume (512 m) sobranceiro ao Barranco do Velho pode observar-se uma panorâmica alargada da Serra do Caldeirão, numa zona de transição entre a chamada Serra Chã - região planáltica que se estende para norte e nordeste - e a Serra Brava - região mais acidentada e declivosa situada a sul e que confina com o “Algarve” (como alguns serranos ainda designam a orla sedimentar algarvia constituída pelo Barrocal e pelo Litoral). Esta é a segunda zona mais pluviosa do Algarve, a seguir a Monchique, caindo aqui, em média, 1020 mm de chuva anuais, mais do dobro do que em Faro. Não admira pois a abundância de água que escorre por estas encostas e que, neste ponto,

foi captada e armazenada para distribuição pública local desde os anos 70, altura em que se construiu o primeiro depósito, aproveitando a estrutura de um velho moinho de vento, substituído em 2010 por uma instalação mais sofisticada que inclui uma pequena ETA (Estação de Tratamento de Água).



Fig. 44 - Depósito velho e novas instalações

Indicações: Desce-se o serro para nascente, por uma estrada de terra batida, até chegar à EN 124 que se atravessa junto à sede da Associação Florestal. Em frente, encontramos de novo o GR 13 que nos conduz, por um largo caminho rural, à Fonte do Chafariz.



2 - Fonte do Chafariz

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 26.3"/W 7º 56' 07.7")

Também conhecida por Fonte do Álamo, a sua água, captada diretamente do solo, corria para um tanque onde se lavava a roupa¹⁰. Na primeira metade do séc. XX foi aí construído um depósito, tapado com uma abóbada, que abastece um chafariz aberto sobre um bebedouro para os animais, contíguo ao lavadouro. O espaço em volta dispõe de sombra e bancos de pedra, convidando a uma pausa.



Fig. 45 - Nascente com abóbada



Fig. 46 - Chafariz e tanques

Indicações: Um pouco mais adiante, ainda no GR13, atinge-se, numa curva, a Fonte do Serro Alto.

3 - Fonte do Serro Alto

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 25.0"/W 7º 56' 11.1")

Típica fonte de mergulho encostada ao serro. Do outro lado do caminho, pode ver-se um tanque de rega. As águas desta fonte e da fonte anterior encontram-se classificadas como minero-medicinais para tratamento de anemias e doenças do fígado, com características hipossalinas, alcalinas, sódicas, cálcicas e ferruginosas⁹. Essas características aplicam-se, provavelmente, a todas as outras nascentes do Barranco do Velho.



Fig. 47 - Aspecto geral



Fig. 48 - Pormenor do interior

Indicações: Seguindo sempre as marcas da GR 13, sobe-se depois até alcançar as casas do monte da Catraia. Abandona-se aqui a GR 13 prosseguindo à esquerda para

atravessar uma das ruas deste monte até atingir a EN 2. Desce-se ao longo da estrada cerca de 200 metros até encontrar uma nova rua à esquerda que, após ladear uma grande vacaria abandonada, passa junto da Fonte da Catraia.

4 - Fonte da Catraia

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 11.1"/W 7º 56' 14.2")

Chafariz de arquitetura mais moderna, construído em finais do séc. XX. Localizado num pequeno espaço cercado e desnivelado ao qual se acede por umas escadas, tem a forma de uma coluna de pedra, rodeada por uma pia circular e encimada por uma esfera.



Fig. 49 - Aspecto geral

Indicações: De regresso à EN 2, atravessa-se esta para, uns metros mais acima, se entrar à esquerda numa estrada asfaltada de acesso ao Monte de Baixo, o núcleo mais antigo do Barranco do Velho. Porém, pouco antes de o alcançar, vira-se à esquerda para descer por uma estrada de terra batida que passa junto a um poço antigo. Logo depois abandona-se também esta estrada para continuar a descer, à esquerda, por um caminho rural que "zigzagueia" barranco abaixo até alcançar a Fonte Férrea.

5 - Fonte Férrea

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 13.2"/W 7º 56' 32.5")

Fonte escondida no fundo do barranco onde, por todo o lado, abundam outras pequenas nascentes. Segundo a lenda, aqui se esconde uma famosa serpente guardiã desta água fresca e ferrosa. Estrutura muito primitiva, com aspeto de uma furna escavada na rocha e protegida por paredes e abóbada de pedra. Abertura em arcada com uma coluna central de grandes pedras. A água brota livremente, escorrendo pelo chão e ladeando duas toscas bancadas de pedra. Cá fora, uma mesa e bancos de pedra, bem mais modernos, onde se pode aproveitar para tomar uma pequena merenda.



Fig. 50 - Aspecto geral



Fig. 51 - Aspecto do interior

Indicações: Regressa-se pelo mesmo caminho, subindo sempre até à estrada alcatroada, onde agora se vira à esquerda para descer ao Monte de Baixo. Atravessa-se



este passando junto a um grande tanque de rega fronteiro aos muros da Casa das Fontes, seletor empreendimento de turismo rural explorado por uma empresa alemã e que aproveitou uma casa solarenga de fins do séc. XIX. Logo depois alcança-se um pequeno largo com um fontanário moderno. Aqui se toma, à direita, um caminho que ladeia as várzeas da encosta até passar junto a uma vivenda moderna (Casa do Monte). Desce-se em frente por um caminho rural que rapidamente chega à Fonte do Monte.

6 - Fonte do Monte

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 21.8'' / W 7º 56' 28.8'')

As águas da nascente que aqui alimenta a velha fonte de mergulho, são desviadas para um outro veio, saindo por uma bica, já filtradas e de natureza bem menos ferrosa que as da fonte, mas, normalmente, essa bica seca no verão. Em frente, um chafariz mais moderno coberto de azulejos com um pequeno tanque de lavar roupa e uma pia para os animais.



Fig. 52 - Vista geral



Fig. 53 - Chafariz

Indicações: Volta-se de novo até junto da vivenda, onde agora se sobe em frente por um caminho florestal. Após umas curvas pronunciadas encosta acima, chegamos ao topo onde reencontramos a GR 13. Segue-se esta para a direita, acompanhando o trecho inicial da Estação da Biodiversidade. Mesmo antes de se alcançar a EN 2, pode virar-se à direita por um caminho particular cimentado que sobe até à Igreja do Barranco do Velho e aos solares dos dois abastados proprietários que a mandaram construir nos anos 40. Ocasão para apreciar uma última panorâmica desta zona da serra. De regresso à EN 2, o percurso desce depois até ao ponto de partida frente à Pousada.

De carro:

A Rota da Água prossegue pela EN 124 que, desde o Barranco do Velho, acompanha para nascente o planalto superior da Serra do Caldeirão. Alguns quilómetros adiante, deparamo-nos com o grande vale da Ribeira de Odeleite.

Ponto 12 - Ribeira de Odeleite

(Salir; Coordenadas: N 37º 15' 35.5'' / W 7º 54' 57.5'')

Segundo maior curso de água do Algarve, com 100 km de extensão desde as suas origens na Serra do Caldeirão até à foz no Rio Guadiana. No entanto, a respetiva bacia hidrográfica é, de longe, a mais extensa, tendo em conta os seus vários afluentes, muito em particular a Rib^a da Foupana. A alta ponte de um só arco que atravessa a ribeira neste ponto, construída em meados do séc. XX, veio tornar fácil uma travessia que antes se fazia arduamente, mais a leste, pelo Vale Formoso, por caminhos declivosos e vaus sempre sujeitos a tornar-se inultrapassáveis quando das grandes enxurradas. Apesar das limpezas drásticas a que têm sido sujeitas, as margens desta ribeira conservam, nalguns pontos, uma densa galeria ripícola com salgueiros, freixos e choupos. Muitas espécies de peixes ciprinídeos vivem nestas águas (barbos, escalos, pardelhas, bogas) e, antes da construção, em 1997, da Barragem de Odeleite, já bem perto da foz, a enguia era também muito abundante. A lontra é outro habitante ainda frequente, podendo ainda encontrar-se uma grande diversidade de

aves aquáticas (guarda-rios, garça-cinzenta, galinha-de-água, pato-real), répteis (cágados, cobras-de-água) e anfíbios que procuram os pegos para se reproduzirem.



Fig. 54 - Aspecto da ponte

Indicações: A EN 124 sobe depois até aos Montes Novos. Quase no cimo da povoação, vira-se à esquerda para uma estrada municipal asfaltada que passa junto às Cortiçadas e atinge de novo a EN 2 no Vale da Rosa. Vira-se aqui à direita, seguindo a cumeada da serra até chegar ao Miradouro do Caldeirão.

Ponto 13 - Miradouro do Caldeirão

(Ameixial; Coordenadas: N 37º 18' 05.8'' / W 7º 57' 01.9'')

Um dos principais cumes da Serra do Caldeirão (575 m), localizado cerca de um quilómetro a SE do ponto culminante desta serra (Pelados, 589 m). Mais perto, entre estes dois cumes, situa-se a alta torre do Instituto de Meteorologia onde se encontra instalada a Estação de Radar Hidrometeorológico do Algarve, capaz de obter dados sobre a intensidade da precipitação num raio de 200 kms. O miradouro foi edificado nos anos 40, quando a então bem mais movimentada EN 2, principal acesso para o Alentejo e Lisboa, foi asfaltada. Esta estrada (antigamente designada por Estrada Distrital nº 128) teve, no Algarve, uma história tão sinuosa como o seu percurso: projetada em 1870, só em 1913 ficou concluída após a construção da ponte sobre o Rio Vascão. Deste miradouro pode admirar-se uma panorâmica geral da Serra do Caldeirão, autêntico

“mar de cabeços” reminiscente das vagas de um oceano petrificado. Neste ponto, a cumeada percorrida pela EN 2 separa duas grandes bacias hidrográficas: a do Vascão, para norte e poente, e a da Foupana, para nascente. Neste último caso, os barrancos que drenam a vertente oriental vão formar a Rib^a da Corte, uma das principais origens da Rib^a da Foupana, terceiro maior curso de água algarvio (95 km de extensão).



Fig. 55 - Miradouro



Fig. 56 - Cume dos Pelados e Torre Meteorológica

Indicações: Através da EN 2 continuamos a percorrer o cimo da Serra do Caldeirão, deixando o cume dos Pelados à esquerda e passando junto à povoação dos Cavalos, com a sua fábrica de enchidos tradicionais. Ultrapassada a aldeia dos Besteiros, percorrem-se mais alguns quilómetros até atingir o Ameixial. Atravessa-se a povoação sempre pela EN 2 e uns 600 metros mais adiante, numa curva da estrada, vira-se à direita para visitar a Fonte da Seiceira.



Ponto 14 - Fonte da Seiceira

(Ameixial; Coordenadas: N 37° 22' 06.7'' / W 7° 58' 07.5'')

Uma das fontes mais conhecidas do concelho de Loulé, em grande medida devido às animadas festas e convívios que aí têm lugar, nomeadamente no dia 1 de maio e durante o verão. Uso popular muito antigo, com águas bicarbonatadas relativamente menos ferrosas do que em outros locais da Serra, classificadas como hidromedicinais e próprias para tratar afeições do aparelho digestivo. A nascente, muito copiosa (8.300 litros por dia), situa-se no próprio local, ao fundo de uma escadaria, abastecendo um chafariz de uma só bica, encimado por um frontão de cantaria que culmina numa coroa estilizada. Esta obra remonta a finais do séc. XIX, provavelmente contemporânea da abertura da estrada de Lisboa. Em volta da fonte foram, entretanto, instaladas diversas estruturas de apoio às festas (terreiro, coreto, palco, mesas de piquenique, sanitários). Um pouco mais abaixo, na margem direita do pequeno Barranco da Seiceira que verte as suas águas na Ribª do Vascãozinho, um dos principais afluentes do Rio Vascão, pode ainda encontrar-se um antigo e belo lavadouro, hoje em ruínas.



Fig. 58 - Antigo lavadouro

Indicações: O regresso faz-se pela EN 2 mas, antes de chegar ao Ameixial, vira-se à direita para uma estrada asfaltada mais estreita que, após passar junto de um Parque de Caravanas, situado em redor da velha fábrica de cortiça de Vale Redondo, desce até ao Azinhal dos Mouros. Uns 500 metros mais abaixo, encontra-se à esquerda uma estrada de terra batida que se segue por cerca de 1,2 km até atingir a EM 503, já asfaltada, que desce na direção do vale do Vascão onde se pode fazer mais um curto percurso pedestre, com 2 pontos de interesse.



Fig. 57 - Pormenor da fonte

Percurso Pedestre: Chavachã

Tipologia: Linear

Extensão: 0,4 Km

Total de desnível em subida: 0 m



Legenda:



Ponto de partida e chegada

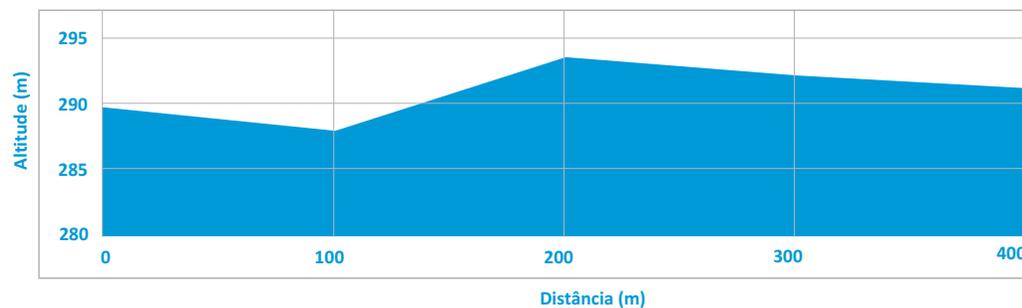


1 Moinho da Chavachã



2 Ribª do Vascão

Perfil Topográfico PP_Moinho Chavacã





Apé:

Da EM 503 abre-se à direita um caminho agrícola que se dirige a um eucaliptal. Mesmo por detrás pode já avistar-se o Moinho da Chavachã.

1 - Moinho da Chavachã

(Ameixial; Coordenadas: N 37º 20' 58.7"/W 7º 59' 42.2")

Um dos derradeiros moinhos de água do concelho de Loulé a ser explorado economicamente, tendo deixado de funcionar com regularidade apenas em finais do séc. XX.

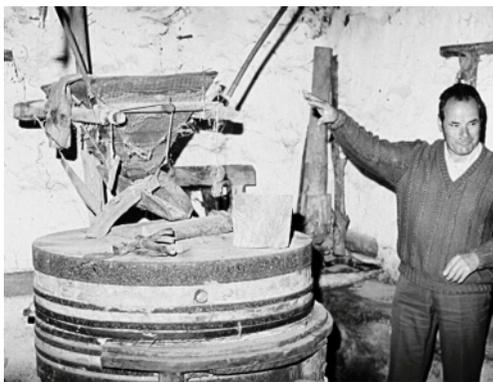
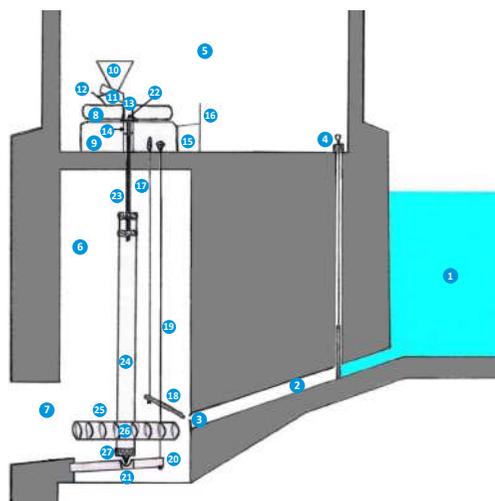


Fig. 59 - O moleiro do Moinho da Chavachã, Sr. Albino Pires (anos 80)

Possui duas moendas, as chamadas mós branca (para produzir farinha de trigo) e preta (geralmente para retragar o cereal usado em rações animais). A água que fazia mover os rodízios provém de uma curta levada que nasce no açude do Vascão, ambos limpos e recuperados em 2001 no âmbito de um projeto Interreg. Depois de entrar nos cubos, a água era projetada com força sobre as penas dos rodízios, situados nos caboucos do moinho, cujo eixo vertical (pela) fazia mover a mó andadeira.



- | | |
|---------------------------|-------------------------|
| 1 - Represa | 15 - Tremonhado (caixa) |
| 2 - Cubo | 16 - Panal |
| 3 - Sexeira | 17 - Alavanca |
| 4 - Comporta | 18 - Pujadouro |
| 5 - Compartimento das mós | 19 - Aliviadouro |
| 6 - Poço | 20 - Urreiro |
| 7 - Cabouco | 21 - Rala |
| 8 - Mó andadeira | 22 - Segurelha |
| 9 - Mó fixa | 23 - Veio |
| 10 - Tolda | 24 - Pela |
| 11 - Telha | 25 - Rodete |
| 12 - Trambolho | 26 - Penas |
| 13 - Olho da mó | 27 - Aguilhão |
| 14 - Bucha | |

Esquema 5 - Estrutura simplificada de um moinho de água.



Fig. 60 - Aspecto geral



Fig. 61 - Caboucos



Fig. 62 - Entrada da água nos cubo



Fig. 63 - Pela e rodízio de penas de madeira

Indicações: Um pouco a poente do moinho encontramos o açude no Rio Vascão.

2 - Rio Vascão

(Ameixial; Coordenadas: N 37º 20' 59.9"/W 7º 59' 44.6")

O maior curso de água algarvio, com cerca de 105 km de extensão, e um dos poucos ainda "selvagem" porque não condicionado por uma grande barragem, o que lhe confere um inestimável valor em termos de conservação da natureza, reconhecido pela inclusão de grande parte do seu curso na Rede Natura 2000. Este rio possui duas origens principais: a Ribª do Vascão, onde nos encontramos, formada a partir dos barrancos da zona central da Serra do Caldeirão, e a Ribª do Vascanito, que desce da Serra do Malhão mais a poente. Ambas as ribeiras se juntam, 2 km a jusante deste ponto, para constituírem o Rio Vascão, o qual assegura a fronteira entre o Alentejo e o Algarve até à sua foz no Rio Guadiana, a norte de Alcoutim.



Fig. 64 - Açude



Fig. 65 - Aspecto da ribeira

Indicações: O regresso faz-se pelo mesmo caminho até atingir a EM 503.

De carro:

Um pouco à frente, a estrada atravessa a Rib^a do Vascão, numa ponte moderna que ladeia outra mais antiga, para depois trepar serra acima até junto da povoação dos Vermelhos. Mais adiante, começa então a descer até se atingir o pequeno pontão sobre o Barranco das Águas da Rainha. Desde o pontão na estrada, onde se pode estacionar a viatura, uma vereda à direita e para trás percorre a várzea cerca de 80 metros. Na base da encosta pode observar-se uma das nascentes das Águas da Rainha.

Ponto 15 - Águas da Rainha

(Salir; Coordenadas: N 37° 19' 12.9'' / W 8° 01' 42.0'')

A nascente de águas férreas alimenta um velho tanque que outrora regava as hortas desta pequena várzea bastante isolada e que, por isso, se encontra algo abandonada. Uma outra nascente situa-se uns 200 metros mais acima no barranco. Estas nascentes que alimentam o Barranco das Águas da Rainha vão engrossar, junto à povoação da Sarnadinha, o caudal do curso superior da Rib^a do Vascão. Segundo a tradição local, o estranho nome deste sítio teria origem na suposta passagem de uma comitiva real e que aqui teria parado para se refrescar com a água das nascentes. Deve referir-se que a estrada que vem de Loulé a Salir, sobe à Portela do Barranco e passa depois pela Califórnia e por este local, a caminho da Corte Figueira ou do Ameixial, fazia parte de uma antiga via romana de acesso ao Alentejo. Como acontece em muitos outros locais, estas estradas romanas mantiveram-se em uso durante séculos. Efetivamente, ainda em meados do séc. XIX por aqui passava um dos principais caminhos que assegurava a ligação do Algarve ao Alentejo e a Lisboa, sendo percorrida regularmente pelos correios a cavalo da Mala Posta, frequentemente alvo de emboscadas e assaltos 11, pelo que a passagem de uma rainha por aqui é muito pouco provável.



Fig. 66 - Tanque da nascente



Fig. 67 - Águas férreas

Indicações: Após uma pequena subida, a estrada vira para nascente alcançando-se as margens da Barragem da Califórnia.

Ponto 16 - Barragem da Califórnia

(Salir; Coordenadas: N 37° 18' 36.8'' / W 8° 01' 15.2'')

Barragem com uma albufeira de dimensões razoáveis (cerca de 300 metros de comprimento), construída no Barranco da Abrunheira, após o enorme incêndio de 2004 que devastou grande parte da zona central da Serra do Caldeirão. A finalidade principal desta estrutura prende-se justamente com a manutenção de uma reserva de água para abastecimento dos helicópteros de combate a fogos florestais.



Fig. 68 - Vista geral



Fig. 69 - Espelho de água

Indicações: A estrada prossegue agora rumo a sul, atravessando todo o extenso Vale da Venda ou da Califórnia (onde se localizava uma das estações de muda da Mala Posta), até alcançar as primeiras casas da Portela do Barranco. Aqui vira-se à direita para uma estreita estrada asfaltada que, após cerca de 1,6 km chega abaixo do primeiro dos montes do Alganduro. No cimo da ladeira, à esquerda, que dá acesso ao monte, situa-se a Fonte do Serro.

Ponto 17 - Fonte do Serro

(Salir; Coordenadas GPS: N 37° 17' 03.2'' / W 8° 02' 24.7'')

Localizada à entrada do monte do Serro do Alganduro, esta fonte foi construída a expensas de um particular e inaugurada em 1971, possuindo a frontaria decorada com seixos e conchas. A abertura da fonte encontra-se emparedada e transformada num chafariz com torneira.



Fig. 70 - Aspecto da fonte

Indicações: Prosseguindo pela mesma estrada durante pouco mais de um quilómetro, vira-se à direita por uma estrada de terra batida. Uns 3,5 quilómetros mais a norte, encontra-se à esquerda uma outra estrada, também em terra batida, que irá subir até aos Cravais. Mas antes, avista-se à esquerda a Fonte dos Cravais.

Ponto 18 - Fonte dos Cravais

(Salir; Coordenadas: N 37° 18' 21.6'' / W 8° 04' 44.1'')

Situado na margem direita de um pequeno barranco cimeiro, ainda integrado na bacia hidrográfica da Rib^a do Vascão, este antigo poço com bomba manual acionada por manivela, encontra-se hoje transformado em fontanário e encerrado dentro de um casinhoto pouco atrativo. Mais acima no barranco, podem ainda ver-se vestígios da antiga paisagem rural destes montes com proteção das terras através de valados e pequenos socalcos. E quem sabe se não seria aqui que se situava uma afamada "Fons Dianaris", mencionada em antigas referências do Algarve romano 8. É que no mesmo vale, um pouco a sul deste ponto, ainda subsiste o topónimo Janares.



Fig. 71 - Aspecto actual da fonte

Indicações: Sobe-se depois a estrada até ao monte dos Cravais que se atravessa para, depois de umas pequenas barragens agrícolas, atingirmos a EM 503, já asfaltada. Vira-se aqui à esquerda, prosseguindo até pouco antes da entrada na aldeia do Malhão, onde se pode apreciar o Barranco da Zambujeira.

Ponto 19 - Barranco da Zambujeira

(Salir; Coordenadas: N 37° 18' 20.8''/W 8° 05' 49.4'')

Uma panorâmica sobre as encostas meridionais da cumeada do Malhão e sobre um dos seus mais formosos barrancos. Afirmar que aqui tem origem o Rio Arade pode parecer abusivo, pois outros possíveis candidatos existiriam. Uma metodologia razoável consiste em seguir o curso de água e os seus afluentes cimeiros mais importantes para montante, até alcançar o ponto mais distante e de altitude mais elevada, o qual pode então ser considerado, como neste caso, a nascente principal.



Fig. 72 - Vista geral do barranco, antes do incêndio de 2004

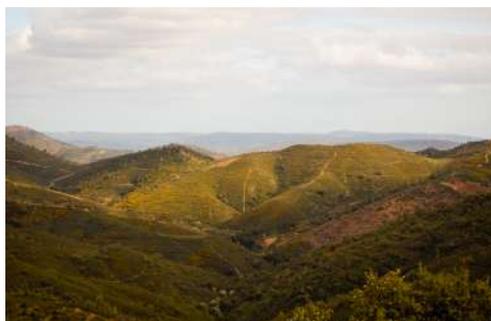


Fig. 73 - Vista geral do barranco, depois do incêndio de 2004

Indicações: Logo de seguida, a estrada ladeia a aldeia do Malhão, descendo depois em ziguezague até às casas do Pé do Coelho. Um pouco adiante, atravessa-se o Rio Arade.

Ponto 20 - Rio Arade

(Salir; Coordenadas: N 37° 17' 11.5''/W 8° 06' 08.5'')

Primeira das muitas pontes que fazem a travessia deste conhecido curso de água algarvio. Embora seja habitualmente designado por rio, ele é apenas o quinto em extensão, com 71 km entre o Malhão e a foz em Portimão. Se considerarmos como ponto de partida a confluência, na zona da Ilha do Rosário, com a Rib^a de Odelouca, considerada como afluente do Arade, chegaremos até à conclusão que aquela é uma ribeira bem mais extensa (88 km) e com maior bacia hidrográfica, tendo origem um pouco mais a norte daqui, já no Alentejo, nos barrancos em volta da cumeada do Mú. O papel desempenhado pelo Arade no antigo acesso fluvial à cidade de Silves estará certamente na base desta injustiça na terminologia geográfica. Por outro lado, o Arade é o curso de água do Algarve há mais tempo condicionado por uma grande obra de retenção hidráulica, mais exatamente desde 1956, altura em que entrou em funcionamento a barragem do Arade perto de Silves. Apesar disso, possui, à semelhança da Rib^a de Odelouca, um património natural muito notável, com destaque para a fauna piscícola onde se incluem espécies endémicas como a boga-do-sudoeste ou o escalo-do-Arade.



Fig. 74 - Ponte no Arade

Indicações: Prosseguindo pela EM 503 e ignorando logo adiante o desvio para Alte, atravessa-se uma região agrícola bastante povoada. Após o cruzamento para o Freixo Seco, alcança-se um desvio asfaltado para baixo à direita, que se dirige aos montes da Brazeira. Segue-se sempre em frente pelo caminho que, depois de atravessar o casario da Brazeira de Cima, sobe a direito até alcançar, lá no alto e à esquerda, os moinhos de vento da Rocha da Pena.

Ponto 21 - Rocha da Pena

(Salir; Coordenadas: N 37° 15' 09.3''/W 8° 05' 06.5'')

Com estatuto de proteção desde 1991 como Sítio Classificado (Área de Paisagem Protegida Local a partir de 2010), a Rocha da Pena é um relevo vigoroso situado na fronteira do Barrocal Algarvio com a Serra do Caldeirão. Possui um valor inestimável do ponto de vista paisagístico, botânico (vários endemismos e habitats prioritários) e faunístico (presença de morcegos e aves de rapina). Outra das suas particularidades é funcionar como um gigantesco reservatório de água, sendo referenciado um lago subterrâneo outrora acessível a partir da gruta situada no planalto superior (Algar dos Mouros). A rocha calcária, muito carsificada, comunica em profundidade com estratos de reduzida permeabilidade, originando, nessa zona, a constituição de um aquífero que comunica com o exterior através de diversas fissuras onde surgem exurgências ou nascentes. São assim várias as fontes bem conhecidas localizadas em redor da Rocha da Pena, quase sempre entre 280 e 290 metros de altitude, nomeadamente na Quinta do Freixo, Brazeira e Vale do Álamo.



Fig. 75 - Rocha da Pena

Indicações: Dos moinhos, volta-se um pouco atrás no percurso, para tomar em frente um caminho em terra batida que começa depois a descer a encosta sul da Rocha da Pena. Logo após umas casas, encontra-se a Fonte Feita.

Ponto 22 - Fonte Feita

(Salir; Coordenadas: N 37° 15' 07.1''/W 8° 05' 24.2'')

Esta é a nascente da Rocha da Pena situada a maior altitude (370 m). Tem sido alvo de algumas intervenções ao longo dos tempos, incluindo a criação, pelo proprietário da única habitação vizinha, de um fontanário e de um pequeno espaço de lazer junto ao tanque de rega abastecido pela água da fonte.



Fig. 76 - Fontanário



Fig. 77 - Rocha da Pena

Indicações: Continua a descer-se a encosta da Rocha da Pena até alcançar a povoação da Rocha. Em frente, num pequeno largo, encontra-se a Fonte dos Amuados.

Ponto 23 - Fonte dos Amuados

(Salir; Coordenadas: N 37° 15' 01.0"/W 8° 05' 52.4")

Estrutura representativa da arquitetura popular moderna, fruto da iniciativa de um habitante do sítio da Rocha (Horácio Martins). Este chafariz, em forma de coroa real, foi construído de raiz em 1978 e o seu nome relaciona-se com o “amu” com que outros vizinhos encararam esta louvável iniciativa. A água vem canalizada até aqui a partir de uma nascente situada umas dezenas de metros para oriente, na encosta do cerro. O amuo, hoje, aparentemente já passou e este é um local de paragem obrigatória para os numerosos turistas, montanheiros e escaladores que frequentam a Rocha da Pena.



Fig. 78 - Fonte dos Amuados

Indicações: Segue-se agora a estrada de acesso à Rocha da Pena, sempre para nascente, até atingir novamente a EM 503, virando aí à direita. Um pouco mais adiante, chega-se à EN 124 onde se vira também à direita, percorrendo-a uns 600 metros para poente até encontrar o cruzamento à esquerda para a estrada que sobe para o Almarginho. Cerca de 1 km mais adiante, atinge-se o cruzamento para a Nave do Barão onde se pode efetuar um último percurso pedestre, com mais 5 pontos de interesse.

Percurso Pedestre: Almarginho

Tipologia: Circular

Extensão: 3,6 km

Total de desnível em subida: 40 m

Sinalização: PR de Salir e GR (13) Via Algarviana



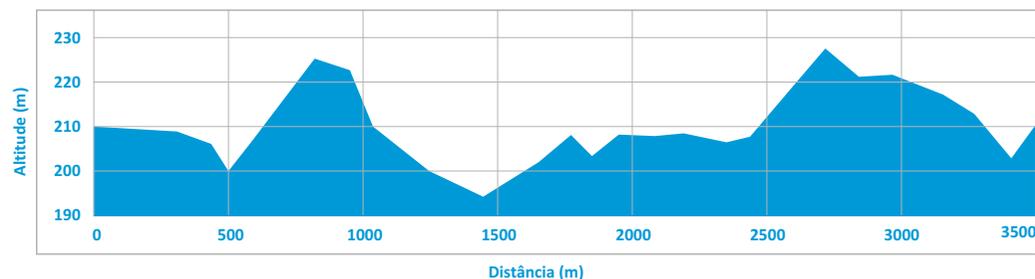
MAPA 1/25.000



Legenda:

- Ponto de partida e chegada
- 1 Fonte Figueira
- 3 Ponte do Olho
- 5 Ribª da Brazieira
- 2 Almarginho
- 4 Quatro Ribeiras

Perfil Topográfico PP_Almarginho





Apé:

Este percurso decorre parcialmente ao longo de um pequeno troço do GR 13 (Via Algarviana) e da PR de Salir. No cruzamento para a Nave do Barão, vira-se à esquerda para um caminho agrícola cimentado (GR 13 / PR de Salir) que logo chega junto da Fonte Figueira.

1 - Fonte Figueira

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 15.5"/W 8º 03' 28.5")

Antigo poço, tapado e equipado com engenho hidráulico manual com roda (esquema 2). Neste caso, a base do tubo de sucção encontra-se bastante abaixo da saída de água, pelo que teve de ser instalada uma câmara de ar, cúpula em latão inserida entre o engenho e a torneira.

Este dispositivo serve para uniformizar o escoamento intermitente da água no sistema, absorvendo as "altas" do débito alternativo do pistão e compensando as "quebras" que se seguem. Hoje como outrora, o poço serve também como local de convívio, tendo aqui sido instalada uma mesa de piquenique.



Fig. 79 - Fonte Figueira



Fig. 80 - Roda com câmara de ar

Indicações: Um pouco mais adiante, seguindo sempre as marcas do GR 13/ PR de Salir, chegamos aos campos do Almarginho.

2 - Almarginho

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 18.9"/W 8º 03' 22.2")

Um dos locais do Algarve com maior concentração de noras. A fertilidade destes solos de várzea conduziu à enorme compartimentação dos terrenos e à instalação de um grande número de poços e tanques de rega.



Fig. 81 - Aspecto geral



Fig. 82 - Um dos tanques de rega

Indicações: O percurso prossegue sempre em frente até se alcançar a Ponte do Olho.

3 - Ponte do Olho

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 17.9"/W 8º 03' 10.4")

Ponte sobre a Rib^a dos Moinhos, construída nos anos 80 e situada uns 200 metros a montante do local do Olho, uma exurgência que, durante décadas, abasteceu de água a vila de Salir. A Rib^a dos Moinhos é uma das várias origens da Rib^a de Algibre, escoando essencialmente a água das vertentes meridionais da Rocha da Pena. O seu nome tem a ver com a abundância de moinhos de água situados ao longo do seu curso (uns 8 em pouco mais de 4 km), hoje todos arruinados ou integrados em casas de habitação.



Fig. 83 - Aspecto da ponte

Indicações: Após a ponte, o percurso prossegue pelo GR 13/ PR de Salir e acaba por subir até às proximidades da vila de Salir. Após ladear os muros de uma vivenda, abandona-se o GR 13/ PR de Salir para virar à esquerda para um caminho rural em terra. Logo se inicia uma descida que nos conduz até ao sítio das Quatro Ribeiras.

4 - Quatro Ribeiras

(Salir; Coordenadas: N 37º 14' 28.8"/W 8º 03' 13.9")

Neste local podem encontrar-se 4 cursos de água: o Barranco da Ameijoafra, a leste, que nasce nas encostas do Serro dos Negros; o Barranco dos Arrodeiros, no centro, que vem do Serro da Bica; mais a oeste, o Rib^a da Brazieira; e a Rib^a dos Moinhos, que se origina precisamente neste ponto, a partir da junção das águas dos três anteriores. Em períodos de muita chuva, as enxurradas tornam este local inultrapassável, apesar das velhas passadeiras que permitem a travessia em dias mais bonancosos. Ali perto, pode também admirar-se um belo exemplar de nora de eixo comprido e elevado, dispositivo que permite distribuir a água, com maior eficácia, para os campos vizinhos. Existem 3 tipos principais de noras: as **noras de eixo comprido** (alegadamente as mais primitivas), em que a roda de água é a única a situar-se sobre o poço, comunicando através de um eixo longo com a entrosga e o carroto que rodam num pião externo; as **noras de eixo curto** (predominantes no Algarve e também chamadas noras mouriscas); e as **noras alteadas**, instaladas em plataformas a um nível muito superior ao do terreno circundante.



Fig. 84 - As passadeiras em tempo de seca



Fig. 85 - Nora de eixo comprido

Indicações: O percurso prossegue através dos férteis campos do Almargem, acabando por ultrapassar a vau do Ribeiro da Braziera.

5 - Ribeiro da Braziera

(Salir; Coordenadas: N 37° 14' 25.9"/ W 8° 03' 55.6")

Este ribeiro origina-se a partir da junção, uns 300 metros a montante deste ponto, do Barranco do Vale do Álamo e do Barranco da Braziera que constituem a principal via final de escoamento das águas que drenam, respetivamente, as vertentes meridionais e orientais da Rocha da Pena.



Fig. 86 - Vau



Fig. 87 - Aspecto do caminho

Indicações: O caminho sobe logo depois até à estrada alcatroada. Segue-se esta para a esquerda e para cima, para, uns 250 metros mais à frente, encontrarmos, novamente, a GR 13. Por ele se segue para a esquerda, através das ruas do Almargem, até atingirmos o ponto de partida, junto à Fonte Figueira.

De carro:

No cruzamento para a Nave do Barão, sobe-se agora a estrada que segue para sul e que passa à esquerda do monte da Funcheira, acabando por atingir a Portela da Nave. A partir daqui, desce-se a encosta até encontrar lá em baixo a estrada que atravessa o vale de leste a oeste e que dá acesso à aldeia da Nave do Barão. Vira-se à direita, subindo uns 300 metros e depois vira-se à esquerda para um caminho agrícola, cimentado em 2001 e que atravessa a direito todo o chão da nave, até chegar junto à Lagoa da Nave.

Ponto 24 - Lagoa da Nave

(Salir; Coordenadas: N 37° 13' 09.7"/ W 8° 02' 58.9")

A Nave do Barão é uma monumental arquibancada com 100 metros de altura, 4 quilómetros de comprimento e 1 quilómetro de largura. Trata-se de um "polje" ou vale cego, localmente conhecido por nave (de "nava", vocábulo pré-romano que designa planura) e que terá resultado do

afundamento do maciço calcário do Jurássico ao longo de uma falha geológica, talvez devido à grande quantidade de fendas, cavidades e grutas subjacentes. No chão da Nave foi-se acumulando, ao longo de milénios, a "terra-rossa", solo argiloso e vermelho, produto da ação da água das chuvas sobre o calcário. Neste local convergem todas as águas do vale, uma vez que não existe nenhuma outra possibilidade de escoamento superficial, formando uma lagoa cuja profundidade varia de ano para ano, consoante a pluviosidade. Há testemunhos de invernos em que o nível de água chegou à ruína de uma casa perto da lagoa que está junto à estrada principal que vai até à aldeia da Nave do Barão, mas desde o rompimento do chão da lagoa por dois furos, efetuado nos anos 80 pelos serviços hidráulicos, nunca mais tal aconteceu, encontrando-se a lagoa, na época estival, totalmente seca ou reduzida a pequenos charcos. Um antigo tanque, um poço com roda e outro provido de curiosa construção subterrânea onde se alojava um motor, são testemunhos do labor agrícola de outrora, hoje perpetuado pela presença da vinha. As aves aquáticas tentam fazer pouso na lagoa mas falta a muitas delas uma cobertura de vegetação suficiente para se sentirem seguras. Em contrapartida, este é um local de excelência para a reprodução de várias espécies de anfíbios, estando também classificado, a nível da legislação europeia, como habitat prioritário (charcos temporários mediterrânicos).

No resto do vale, entre azinheiras, sobreiros e alfarrobeiras, instalaram-se as amendoeiras que, em pleno inverno, cobrem a Nave com os seus farrapos de neve mediterrânica.



Fig. 88 - A lagoa em pleno Inverno



Fig. 89 - O chão da nave junto à lagoa



Fig. 90 - O chão da nave na época seca



Fig. 91 - O chão da nave na época seca

Indicações: O caminho da Nave vira aqui para norte até encontrar de novo a estrada de acesso à aldeia, onde se vira à direita, subindo até ao cruzamento com a EM 525. Vira-se então à direita para, um pouco mais adiante, se encontrar, à beira da estrada, e um pouco antes de uma zona de piquenique, a Fonte do Cerro dos Passarinhos.

Ponto 25 - Fonte do Cerro dos Passarinhos

(Salir; Coordenadas: N 37º 12' 41.0" / W 8º 01' 55.3")

Fonte de mergulho que ainda mantém a estrutura original, tendo modernamente sofrido uma intervenção arquitetónica de cunho popular.



Fig. 92 - Aspecto geral

Indicações: Sempre pela EM 525, passa-se pela povoação da Mesquita e depois ladeia-se a aldeia da Tôr, para depois descer até ao cruzamento com semáforos que antecede a ponte nova sobre a Rib^a de Algibre. Aqui vira-se à direita e logo depois à esquerda para visitar a velha Ponte da Tôr.

Ponto 26 - Ponte da Tôr

(Tôr; Coordenadas: N 37º 11' 24.5" / W 8º 01' 38.0")

Antiga ponte romana, situada na via secundária que vinha de Faro (Ossonoba) e Loulé (Olea) a caminho do Alentejo. O cunho romano não é já muito visível, exceto nos 2 arcos mais próximos da margem esquerda e que se encontram meio soterrados. De aparelhagem rústica, são formados por 15 a 17 aduelas (pedras superiores do arco), notando-se nelas grandes orifícios resultantes da técnica construtiva então utilizada. Os restantes 3 arcos, de cavalete bastante acentuado, terão sido reconstruídos na Baixa Idade Média (séc. XIV ou XV), apresentando, no arranque dos pilares, siglas medievais e ostentando, nas aduelas que fecham o arco norte, dois escudos com armas régias portuguesas com escudetes laterais deitados. A ponte, bastante estreita (3,5 metros) sofreu obras de reforço em 1939 e, em 1995, foi finalmente fechada ao trânsito automóvel e alvo de uma recuperação geral, após a entrada em funcionamento da ponte nova situada algumas dezenas de metros a montante. A ribeira que por aqui passa, designada por Rib^a da Tôr, rapidamente toma o nome de Rib^a de Algibre e, após receber as águas da Rib^a de Alte, já no concelho de Albufeira, passa a designar-se por Rib^a de Quarteira, indo justamente desaguar a poente desta cidade, na zona de Vilamoura. Se tivermos em conta todas as suas múltiplas origens, podemos dizer que a Rib^a de Algibre/Quarteira é o sexto maior curso de água do Algarve, com cerca de 59 km de extensão.



Fig. 93 - Vista poente

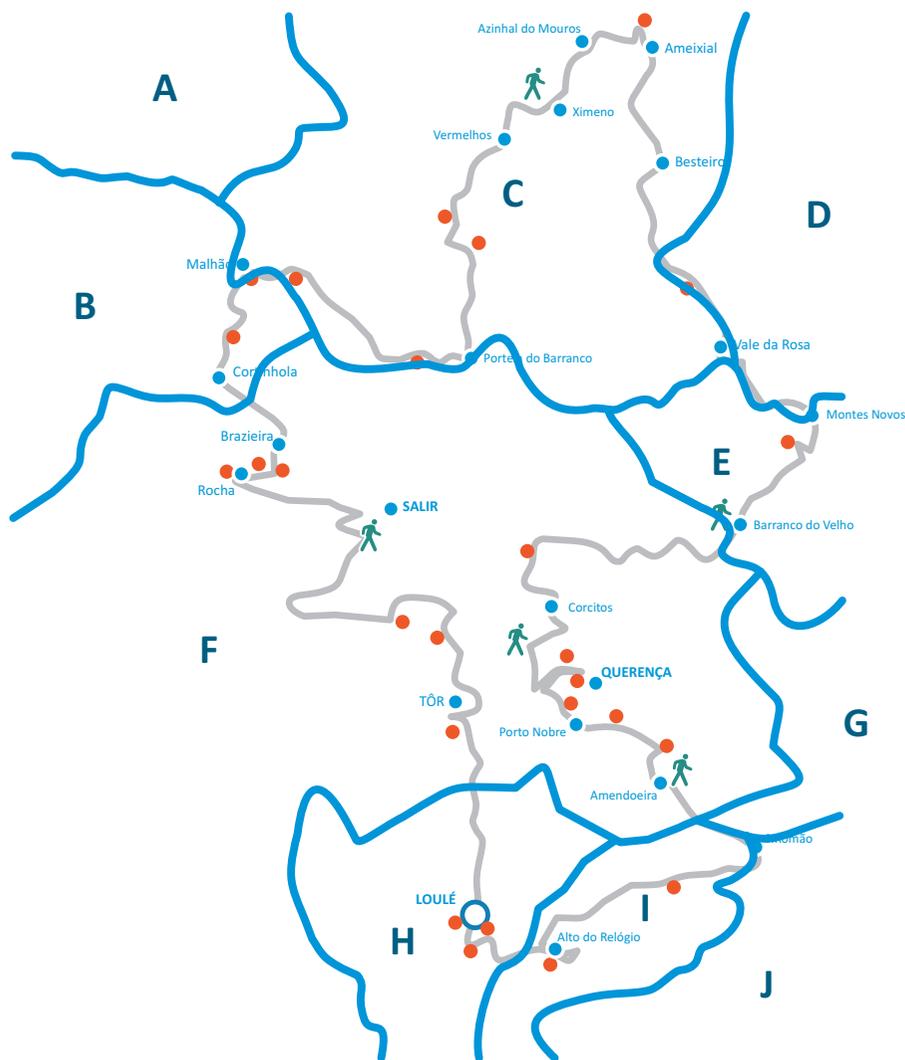


Fig. 94 - Aspecto do arco norte em tempo de seca

Indicações: O regresso a Loulé efetua-se através da EM 525 que desemboca na rotunda da Circular de Loulé, logo a norte do terminal rodoviário. Segue-se em frente, na direção deste último e desce-se ao longo do seu lado ocidental pela Rua Palermo de Aragão. Em baixo, atinge-se a Rua Nossa Senhora de Fátima onde se vira à direita até aos semáforos. Novamente à direita, percorre-se a Avenida 25 de Abril até ao Largo Gago Coutinho, descendo depois a Praça da República para voltar ao ponto de partida no Largo Bernardo Lopes.

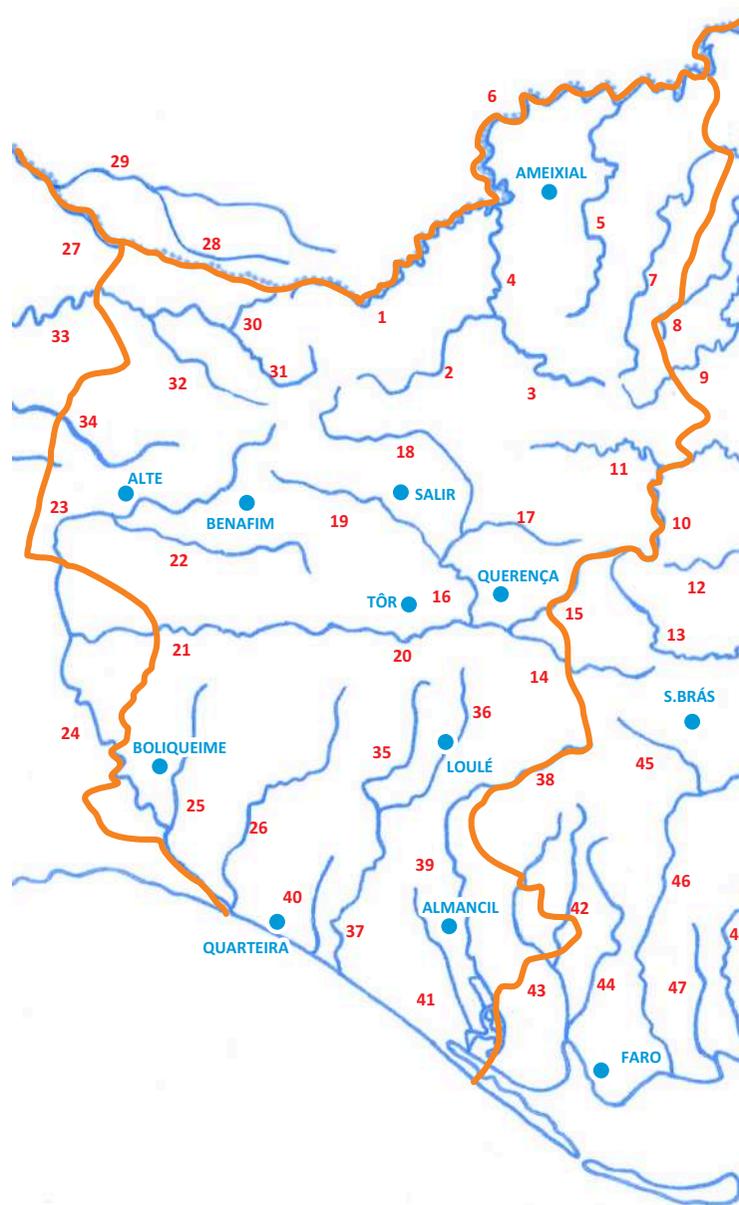


Bacias Hidrográficas



- | | | | |
|---------------------|----------------------------|------------------------|----------------------------|
| A - Odelouca | D - Foupana | G - Alportel | J - Biogal/Rio Seco |
| B - Arade | E - Odeleite | H - Carcavai | |
| C - Vascão | F - Algre/Quarteira | I - S. Lourenço | |

Principais cursos de água do Concelho de Loulé e zonas limítrofes



Vascão

1. Rib^a do Vascanito
2. Rib^a da Sarnadinha
3. Rib^a de Vasconcilhos
4. Rib^a do Vascão
5. Rib^a do Vascãozinho
6. Rio Vascão

Foupana/Odeleite

7. Rib^a da Corte
8. B^a da Ribeirinha
9. Rib^a da Foupana
10. B^a do Vale Formoso
11. Rib^a de Odeleite
12. Rib^a de Fronteira

Alportel

13. Rib^a de Alportel

Algre/Quarteira

14. Rib^a das Mercês
15. Rib^a dos Carunchos
16. Rib^a da Fonte Benémola
17. Rib^a da Salgada
18. Rib^a do Rio Seco
19. Rib^a dos Moinhos
20. Rib^a da Tôr
21. Rib^a de Algre
22. B^a da Vala Grande
23. Rib^a de Alte
24. Rib^a de Quarteira
25. Rib^a de Boliqeime
26. Rib^a de Vale Tesnado

Odelouca/Arade

27. B^a do Vale de Loulé
28. B^a do Monte da Cruz
29. Rib^a de Odelouca
30. B^a da Fragura
31. B^a da Zambujeira
32. B^a da Soalheira
33. Rio Arade
34. Rib^a do Gavião

Carcavai

35. Rib^a da S^a da Piedade
36. Rib^a do Cadoiço
37. Rib^a de Carcavai

S. Lourenço

38. Rib^a da Goldra
39. Rib^a de S. Lourenço

Outras

40. Rib^a da Fonte Santa
41. Rib^a da Gondra
42. Rib^a do Colmeal
43. Rib^a do Biogal
44. Rib^a de Marchil
45. Rib^a da Alfaced
46. Rio Seco
47. Rib^a da Meia Légua
48. Rib^a de Bela Mandil



NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Silva Lopes, J.B. (1841) - Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve. Algarve em Foco Editora.
2. Códice 498 da Biblioteca Municipal do Porto (reinado de D. Afonso VI).
3. A era cristã só foi instituída em Portugal em 1422 (ano 1460 da era juliana) por D. João I.
4. Ataíde Oliveira, F.X. (1905) - Monografia do Concelho de Loulé. Algarve em Foco Editora.
5. Freitas, P. (1980) - Quadros de Loulé Antigo - a alma de Loulé em livro. Câmara Municipal de Loulé.
6. Guerreiro, P. et al. (2010) - Os tufos calcários das áreas de Estói, Loulé e ribeira das Mercês (Algarve, Portugal): caracterização e significado paleoambiental. e-Terra, 21(7): 1-4.
7. Silva, L.F. (2002) - A região de São Brás de Alportel na Antiguidade: o povoamento romano e a sua evolução posterior num território rural do Algarve Central. Campo Arqueológico de Tavira.
8. Silva, L.F. (2006) - Vias Romanas do Sul de Portugal. Campo Arqueológico de Tavira.
9. Almeida, A, & Almeida, J. (1966) - Inventário Hidrológico de Portugal, 1º Vol: Algarve. Instituto de Hidrologia de Lisboa.
10. Bastos, C. et al. (2002) - O Novo Aquilégio (www.aguas.ics.ul.pt).
11. Santos, L.F.R. (1995) - Os acessos a Faro e aos concelhos limítrofes na segunda metade do século XIX. Câmara Municipal de Faro.
12. Goes, M.D.J. & Grade, I.C. (2007) - Diversos processos de obter um bem cada vez mais precioso - a água. Comunicações ao 13º Congresso do Algarve.



Promotor: Almargem

Morada: Rua de São Domingos, 65 Apartado, 251 8100, Loulé

Telefone: +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104

e-mail: almargem@mail.telepac.pt

Site: <http://www.almargem.org/>



Inserido no projecto: Via algarviana

Telefone : +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104

e-mail: viaalgarviana@viaalgarviana.org

Site: <http://www.viaalgarviana.org/>

Ficha Técnica

Edição e propriedade:

Almargem – Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve

Apartado 251, 8100-756 Loulé

www.almargem.org

almargem@mail.telepac.pt

Fotografia:

Joana Arzileiro

João Madeira

João Santos

Base cartográfica:

Instituto Geográfico do Exército

Conceção gráfica:

Ideias Frescas

O Guia digital e ficheiros das coordenados de GPS dos percursos estão disponíveis nas páginas:

www.almargem.org

www.cm-loule.pt

www.turismoalgarve.pt

www.viaalgarviana.org

Guia convertido segundo o novo acordo ortográfico

CO-FINANCIAMENTO:



UNIÃO EUROPEIA

FEDER

PARCEIROS:



Morada: Praça da República - 8100-270 Loulé

Telefone: 289 400 600 / **Fax:** 289 415 557

Email: cmloule@cm-loule.pt

Site: <http://www.cm-loule.pt/>



Morada: Av. 5 de Outubro, 18, 8000 – 076 Faro

Telefone: 289 800 400 / **Fax:** 289 800 489

Email: turismoalgarve@turismoalgarve.pt

Site: <http://www.turismoalgarve.pt> / <http://www.visitalgarve.pt>

